



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

MARIA CAIRONI TEIXEIRA RAMOS

QUEM TEM MEDO DE TRAVESTI NA ESCOLA?

FORTALEZA

2025

MARIA CAIRONI TEIXEIRA RAMOS

QUEM TEM MEDO DE TRAVESTI NA ESCOLA?

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Dança do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciada em Dança.

Orientadora: Prof. Dra. Rosa Ana Fernandes de Lima

**FORTALEZA
2025**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R144q Ramos, Maria Caironi Teixeira.

Quem tem medo de travesti na escola? / Maria Caironi Teixeira Ramos. – 2025.
92 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Curso de Dança, Fortaleza, 2025.

Orientação: Profa. Dra. Rosa Ana Fernandes de Lima.

1. Professoras trans. 2. Educação inclusiva. 3. Dança. 4. Travesti na escola. I. Título.

CDD 792.8

MARIA CAIRONI TEIXEIRA RAMOS

QUEM TEM MEDO DE TRAVESTI NA ESCOLA?

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Dança Licenciatura do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito à obtenção do título de Licenciada em Dança.

Aprovada em 22/07/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Rosa Ana Fernandes de Lima (Orientadora)

Prof^a. Dra. Patrícia de Lima Caetano

Prof^a. Dra. Êmy Virgínia Oliveira da Costa

AGRADECIMENTOS

Aqui é um dos momentos mais especiais deste trabalho: o de expressar minha gratidão. Porque sem o amor, a dedicação e o apoio de cada pessoa que caminhou ao meu lado, esta conquista não existiria – ou seria completamente diferente.

Começo pelos alicerces da minha vida: minha família. Maria Irizan, minha mãe, meu porto seguro, que desde sempre se importou com meus estudos, acreditou nos meus sonhos e me guiou com infinito amor. Foi ela quem me ensinou que a educação é um legado de força e transformação, e hoje, com o coração transbordando de orgulho, dou continuidade à nossa história de mulheres professoras em nossa família. E como não mencionar minha irmã Raya Maria? Minha eterna inspiração, minha melhor amiga, a mulher que me mostrou com seu exemplo o que é ser estudiosa, pesquisadora e, acima de tudo, humana. Cada risada, cada conselho, cada abraço apertado nos momentos difíceis fora como raízes que me fortaleceram nessa jornada.

Minhas queridas Jaiana Meira e Jéssica Marília – ah, onde estaria eu sem vocês? Minhas cúmplices acadêmicas, minhas parceiras de todas as horas. Cada almoço no RU, cada troca durante as aulas, cada festa, cada desabafo, cada dança despreziosa e também as ensaiadas... Vocês transformaram a universidade em um lar. E que lindo destino o universo nos preparou, nos unindo desde o primeiro semestre até esta formatura, lado a lado! Que momento memorável, minhas amigas! Não poderia deixar de agradecer à incrível Dali Cipriano, que me ensinou a enxergar além, a sentir mais fundo e a resistir em meio aos desafios durante todos esses anos.

E à Maria Epinefrina, com quem vivi tantos passos, ritmos e alegrias inesquecíveis dentro e fora da sala de aula.

Ao meu amor, Ernesto Lopes, meu porto emocional, meu companheiro de todas as horas. Você me segurou quando precisei, celebrou cada pequena vitória e agora, depois de ter conquistado seu próprio diploma, está aqui para ver o meu. Não há palavras que expressem o quanto sua presença significa para mim.

E com o coração cheio de reverência, agradeço a todas as minhas professoras. A começar pela querida Rosinha, minha orientadora, que com suas histórias encantadoras e sua sabedoria de vida fez da academia um lugar mais humano e vibrante. Professora, seu sorriso, seu abraço e seu olhar atento ficarão para sempre marcados na minha trajetória. Jamais esquecerei o que você representa para mim. À professora Patrícia Caetano, que me cativou com sua doçura e me mostrou que

ensinar é um ato de amor. E à professora Denise Parra, que me guiou na Residência Pedagógica com tanta generosidade, assim como às queridas Emyle Daltro, Rosa Primo, Thais Gonçalves, Marise Léo, Thereza Rocha, Ana Mundim e Andreia Pires – cada uma de vocês deixou um pouco de si em mim, e sou eternamente grata por isso. Com o coração transbordando de gratidão, quero dedicar um agradecimento especial às minhas poderosas convidadas: Erikah Alcântara, Ana Dulce e Êmy Virgínia. Vocês não apenas doaram seu tempo precioso, mas compartilharam conosco os tesouros de suas existências - histórias que carregam dores, lutas e, sobretudo, uma força revolucionária.

Cada relato, cada experiência que generosamente confiaram a mim foi como um espelho que refletiu minhas próprias vivências enquanto mulher trans. Suas palavras não apenas enriqueceram academicamente esta pesquisa, mas plantaram em mim sementes de resistência que hoje florescem em minha nova trajetória como educadora.

Vocês, mulheres guerreiras, me mostraram na prática o que significa ocupar espaços com coragem e autenticidade. Suas narrativas de enfrentamento e vitória agora ecoam em minha alma, inspirando-me a criar um ambiente onde outras existências dissidentes possam se ver representadas e acolhidas.

Ao compartilharem suas potentes histórias, vocês me deram mais do que dados para uma pesquisa - deram-me exemplos concretos de como ser uma professora trans que não apenas ensina, mas transforma. Suas vozes agora se somam à minha, numa corrente de transmissão de conhecimento que carrega em si o verdadeiro sentido para a resistência LGBTQIA+.

Por fim, agradeço profundamente às mulheres trans e travestis que vieram antes de mim, que abriram caminhos, resistiram e tornaram possível que eu estivesse aqui hoje. Cada passo que dou é sustentado pela coragem, força e legado de quem lutou antes de mim.

Este trabalho é feito de muito mais do que palavras e pesquisas: é feito de pessoas. E a cada uma de vocês, o meu mais profundo e emocionado obrigada.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 06 |
| 2. BREVE RELATO DE EXPERIÊNCIA: UM DIA COMO EDUCADORA TRANS | 09 |
| 3. PLANEJAMENTO PARA AS ENTREVISTAS | 14 |
| 4. METODOLOGIA | 17 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 19 |
| REFERÊNCIAS | 21 |
| TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROF. ^a ERIKAH ALCÂNTARA... | 23 |
| TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROF. ^a ANA DULCE..... | 36 |
| TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROF. ^a ÊMY VIRGÍNIA..... | 63 |

1. Introdução

As questões que atravessam o mundo contemporâneo estão invariavelmente associadas a uma diversidade de fatores sociais, históricos, culturais e políticos. Ao ingressar na graduação em dança, constatei que algumas destas muitas discussões acadêmicas suscitam reflexões íntimas, frequentemente relacionadas às experiências individuais de cada sujeito. Em diversas disciplinas, era comum o exercício de pensar sobre as inquietações que nos imobilizam, especialmente aquelas vinculadas à vivência pessoal e às identidades em construção. Ao concluir a graduação, já me constituindo enquanto professora trans, permanecia em mim uma questão crucial: como ser uma professora trans diante das complexidades que envolvem as práticas educacionais na atualidade?

O processo de escolarização de pessoas trans no Brasil é atravessado por violências estruturais que se refletem na exclusão educacional. Como afirma Bento (2017, p. 134), “a escola é um dos espaços mais violentos para pessoas trans, pois naturaliza a heterocisnormatividade e silencia suas existências”. Essa realidade contribui para altos índices de evasão, já que, segundo Pelúcio (2020, p. 89), “a transfobia no ambiente escolar opera como um mecanismo de expulsão, levando estudantes trans a abandonarem os estudos como estratégia de sobrevivência”.

Embora o Decreto nº 8.727/2016 garanta o uso do nome social, sua implementação é desigual, pois, como observa Miskolci (2019, p. 112), “a falta de formação docente e a resistência institucional perpetuam a marginalização dessa população”. Ainda, Louro (2008, p. 76, a) reforça que “a escola precisa ser desestabilizada em suas normas de gênero para que deixe de ser um espaço de opressão e se torne, de fato, um lugar de acolhimento”. Assim, além das garantias legais, é urgente a construção de políticas educacionais antirracistas e anticissexistas, como defende Borba (2017, a), capazes de transformar a cultura escolar em direção à equidade.

Considerando minha trajetória na educação formal— desde a educação infantil até o ensino superior —, percebo que, lamentavelmente, em nenhum momento tive a oportunidade de estar em sala de aula com uma docente trans. A ausência de representações positivas e acessíveis compromete profundamente o imaginário

social que buscamos transformar. A representatividade no ambiente escolar é um pilar essencial para uma educação verdadeiramente inclusiva, pois permite que estudantes de diferentes identidades de gênero, raças, corpos e orientações sexuais se vejam refletidos no currículo, nos materiais didáticos e nas dinâmicas pedagógicas. Pesquisas mostram que a falta de representação de corpos diversos e identidades não normativas pode reforçar estereótipos, contribuir para a marginalização e afetar negativamente a saúde mental e o desempenho acadêmico de grupos minorizados (GOMES, 2021; BUTLER, 2020). No contexto brasileiro, dados do IBGE (2022) revelam que, embora a população seja marcadamente diversa, as instituições de ensino ainda reproduzem padrões hegemônicos de gênero e corporalidade, negligenciando discussões sobre diversidade corporal, transexualidade e não binariedade. A Lei nº 10.639/2003 e as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos (2012) destacam a necessidade de uma abordagem interseccional, que contemple raça, gênero e corpo de forma integrada (LOURO, 2018, b).

Estudos sobre pedagogias queer e teorias feministas reforçam que a desconstrução de normas de gênero e a valorização de corpos dissidentes na escola são fundamentais para combater violências simbólicas e físicas (PRECIADO, 2020). Assim, a representatividade não só promove equidade, mas também forma cidadãos críticos, capazes de respeitar a diversidade humana em todas as suas dimensões. Compreendi, então, que seria necessário empreender um esforço de construção e resistência para descobrir, na prática, como exercer a docência a partir da minha identidade, e quais seriam os recursos possíveis para me constituir como educadora em um mundo ainda muito marcado por normatizações que excluem presenças trans dos espaços institucionalizados.

Apesar dos avanços gradativos no que diz respeito à diversidade de gênero, as mudanças ocorrem de forma lenta. As pautas ligadas à reivindicação dessa diversidade vêm sendo cada vez mais reconhecidas e incorporadas a diferentes contextos profissionais. Entretanto, ao mesmo tempo em que se consolidam conquistas importantes, persistem ações e estruturas que perpetuam um cenário desigual e injusto frente à multiplicidade dos corpos. Tal contradição será explorada no decorrer deste trabalho, que se propõe a refletir sobre os desafios e as possibilidades da docência trans na educação a partir da realização de entrevista com três professoras trans atuantes nesse âmbito formativo.

Ser uma pessoa trans no Brasil é enfrentar um contexto de constante tensão e contradição. Segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), há vários anos o país ocupa a liderança nos índices de assassinatos de pessoas trans e travestis, ao mesmo tempo em que se destaca mundialmente no consumo de pornografia envolvendo esses corpos. Essa dualidade evidencia a complexidade das relações sociais estabelecidas em torno das identidades trans. Diante disso, emerge uma indagação fundamental: sendo a educação um dos caminhos mais potentes para a transformação social, não deveria ser ela também um espaço prioritário de atuação e reconhecimento para as pessoas trans?

Antes da transição de gênero, sentia medo das travestis, o que hoje, reconheço, demonstra a força do estigma social a que estamos submetidas. Com o passar do tempo, compreendi que essa aversão era fruto da transfobia internalizada. Hoje, reconhecendo-me como travesti e educadora, trago outros medos e desafios, diferentes daqueles que me acompanhavam no início da vida acadêmica. Questionava-me, inicialmente, se a universidade me acolheria, se eu teria condições de concluir o curso. Agora, apesar da dificuldade em sistematizar minhas vivências em forma escrita, sou movida pelo desejo de compor uma geração pioneira de pessoas trans com formação universitária, conscientes de que o ingresso no ensino superior é apenas o primeiro desafio — a conclusão, por sua vez, exige enfrentamentos ainda maiores.

A história das pessoas trans no Brasil é marcada por inúmeras tentativas de apagamento. Um exemplo destes atos foi durante a ditadura militar brasileira (1964-1985), travestis e pessoas LGBTQIA+ foram alvo de violências sistemáticas, destacando-se a chamada 'Operação Tarântula', uma ação repressiva conduzida pela polícia do Rio de Janeiro em 1986 – já no período de abertura política, mas ainda sob o legado do regime autoritário. Como documentam Green (2000, p. 187) e Facchini (2005, p. 93), essa operação visava limpar áreas urbanas consideradas indecorosas, prendendo travestis sob alegações de vadiagem e atentado ao pudor, com extrema brutalidade. Segundo França (2021, p. 45), a Operação Tarântula não foi um episódio isolado, mas parte de uma política higienista que associava corpos trans à criminalidade. Perlongher (2018, p. 112), por sua vez, ressalta que a perseguição às travestis se dava não apenas por sua identidade de gênero, mas também por sua visibilidade pública, que desafiava a moralidade imposta pelo regime. Essas violências deixaram marcas profundas, como aponta Silva (2019), evidenciando como

o Estado utilizou-se do aparato repressivo para controlar corpos que fugiam à norma cis-heterossexual. Infelizmente, ainda hoje vivemos os resquícios dessa era. Embora existam professoras trans em atuação, seus números são reduzidos e sua visibilidade ainda está ganhando forças. Em Fortaleza (CE), cidade onde nasci e desenvolvo esta pesquisa, a escassez de referências locais reforça a necessidade de documentar e visibilizar as trajetórias dessas profissionais.

Um dos pontos de partida desta investigação foi minha experiência de estágio em escolas públicas. Estar naquele espaço, que será central na minha vida profissional, suscitou inúmeros sentimentos e inseguranças. Questões como “e se eu sofrer transfobia?”, “e se me tratarem pelos pronomes masculinos?”, “e se eu não tiver forças para enfrentar o ambiente escolar?” foram recorrentes. Tais inquietações, longe de serem meras suposições, refletem uma vivência marcada por preconceitos sutis e explícitos, que muitas vezes são negligenciados ou tratados como exageros.

Portanto, esta pesquisa assume como objetivo principal dar relevo e importância, por meio de entrevistas, a trajetórias de professoras trans até chegarem à docência, interessando-se pelos seus desafios, conquistas e processos identitários - compreendendo, entre outras coisas, essas vivências que transformam medo e dor em força criadora. A ausência de referências trans na docência impulsionou a necessidade de construção deste espaço de fala legítimo e necessário. Ao narrar e sistematizar essas experiências, dando voz a essas narrativas, busca-se não apenas mapear suas jornadas e contribuir para o fortalecimento de outras trajetórias semelhantes, mas também evidenciar a importância crítica da representatividade trans na educação como ferramenta de transformação social e como espelho para minha própria iniciação enquanto professora e pessoa trans. Compreender essas histórias vai além da academia: é um ato político e afetivo que provoca o campo educacional a refletir sobre sua responsabilidade na promoção da diversidade, reforçando a urgência de espaços plurais e acolhedores onde identidades trans não apenas existam, mas inspirem futuras gerações de docentes.

2. Breve relato de experiência: um dia como educadora trans

Meu primeiro dia foi muito interessante. Cheguei na escola deslumbrada com todo o ambiente. Logo me levaram até a sala dos professores, mas o professor supervisor não estava lá. No entanto, já havia me comunicado, via whatsapp, e informado que eu já me encontrava na instituição. O professor me respondeu que estava no 8º ano e que só depois iríamos para a turma do 6º ano, que seria a turma

na qual eu já estava programada para estagiar. Fui ao seu encontro na sala, apresentei-me brevemente e aguardei sentada no canto, esperando a aula terminar. Começo a anotar todos os detalhes da escola, resgato a lembrança de ter visto diversas cores, com plantinhas, frases motivacionais por toda a escola, de fato, um ambiente bastante acolhedor.

Entre os detalhes, comecei a observar aquela sala de aula, sentei-me perto de uma parede com algumas frases escritas. Quem frequenta escola pública sabe que sempre os alunos tomam as paredes da escola para escrever desabafos, fazer autodeclarações de si ou para outros, mensagens, reclamações, reivindicações, entre tantos outros modos de comunicação que tomam formas naquelas paredes. No senso comum e mesmo em certos circuitos artísticos, quando vistas sob uma ótica discriminatória, essas inscrições nas paredes são frequentemente interpretadas de forma pejorativa como pixação, ou como arte visual, quando analisadas por um olhar mais especializado. O pixo é uma forma de expressão urbana onde pessoas ou artistas encontram espaço para registrar suas passagens, como por meio de mensagens ou assinaturas em grafite¹. No meio dessa observação, reparo uma frase escrita à corretivo escolar que dizia exatamente assim: “LARA PUTA TRAVESTI”.



Figura 1: eu e a frase escrita encontrada no armário da escola. Fonte: arquivo pessoal

¹ Entendo bem essa expressão, pois, felizmente, tive a oportunidade de concluir um curso de arte urbana na Escola Porto Iracema das Artes de Fortaleza, escola de formação e criação em artes do Governo do Estado do Ceará.

Fiquei olhando aquilo e várias reflexões me atravessaram: justamente meus medos e anseios, que já citei anteriormente, vieram à tona ao perceber que aqueles alunos já tinham contato com o termo “TRAVESTI”, só que a palavra vinha acompanhada de termos como “PUTA” e, infelizmente, junto ao suposto nome de uma das alunas daquela escola. Então entendi que o termo foi empregado de forma pejorativa. Ora! Eu sou uma travesti! De todos os medos e anseios um deles era a suposição de que as pessoas ali não me respeitassem ou que tivessem uma leitura pejorativa de quem sou ou limitadora das possibilidades do que posso vir a ser. Outro pensamento que tive é que (olha só!) a questão de gênero já está dentro do ambiente escolar, por meio, por exemplo, como aqui relatado, dos escritos nas paredes. Pude constatar ainda que, com frequência, espectros que escapam às normas binárias e cisgêneros são tratados de forma bastante depreciativa e limitadora das alternativas de devir desses grupos politicamente minoritários. É aí que percebemos a urgência desses assuntos dentro da escola.

Depois de todo esse episódio, resolvi desenvolver uma atividade na qual os estudantes criaram imagens, a partir da estética das histórias em quadrinhos, disparadas pela orientação de se desenhar destacando marcas, traços ou partes de seus corpos que eles gostam, com as quais se relacionam de forma positiva, e que contam histórias sobre eles, que recordam memórias de suas vidas. Posteriormente, depois de uma votação democrática, resolvemos fazer um mural com os desenhos na parede onde estavam os pixos.



Figura 2: Eu e os alunos após a atividade. Fonte: arquivo pessoal

Como pessoa trans, minha existência não pode ser tratada de modo pejorativo: eu não sou limitada, eu não sou suja, não sou menor e, muito menos, minha identidade de gênero pode ser usada como adjetivo que marca qualquer tipo de inferioridade. Ainda assim, reivindico ser travesti. E agora? O que eu posso fazer com todo esse turbilhão a que fui acometida naquele ambiente e nessa profissão que tanto quero exercer?

“Travesti é uma pessoa que foi designada homem no seu nascimento, mas se entende como uma figura feminina. Durante muito tempo, o termo era considerado pejorativo ou associado à prostituição. Contudo, atualmente o conceito vem sendo ressignificado e passou a ter mais peso político. Há pessoas que afirmam com orgulho que são travestis devido à história do termo.” (TRANSCENDEMOS, 2021).

Portanto, ao buscar o termo em motores de busca, como o Google, é frequente encontrarmos essa definição que carrega consigo uma história marcada por intensas lutas travadas por pessoas trans e travestis em todo o mundo. Essas batalhas visam assegurar respeito, reconhecimento e a superação de limitações impostas às suas vivências e oportunidades de existir plenamente como quem são.

Reconheço-me como uma pessoa trans que zela para escapar de formas pejorativas de leitura na nossa sociedade contemporânea. Essa preocupação, aliada à exclusão social, vem nos acompanhando há centenas de anos, quiçá há milênios, mas hoje estamos lutando para cada dia termos mais lugares de fala, para que sejamos nós a contar as nossas histórias e vivências. Infelizmente, não somos tantas nos espaços institucionais de representação sociopolítica, inclusive serei uma das primeiras trans/travesti a se formar no curso de Licenciatura em Dança pela UFC². Este é um marco histórico não só para mim, mas para todas as futuras pessoas trans/travestis que estão por vir, para que elas entendam que podem e devem estar nos lugares onde quiserem. Ser pioneira não é tarefa fácil, abrir caminhos é algo doloroso, desesperador e bastante intenso, mas alguém precisa desbravar essa trilha. Não me sinto honrada por isso, sinto-me triste por estarmos, como sociedade, tão avançados em alguns aspectos, como no campo dos saberes tecnológicos e em determinados estudos socioculturais, mas ainda não estarmos, pessoas trans, devidamente representadas e respeitadas nos espaços sociais. Essa exclusão precisa acabar, pelo bem dos processos de vida de todas, todos e todes.

² Reitero orgulhosamente que as primeiras alunas trans formadas nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Dança na UFC foram respectivamente minhas amigas Carlota Freitas e Lyz Vedra.

A educação constitui um direito fundamental previsto na Lei nº 9.394/1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), que deve ser universalmente garantido a todos os cidadãos, sem distinção de gênero ou identidade sexual. Como destacam Bento (2017) e Miskolci (2019), cabe às diferentes esferas do poder público assegurar o pleno acesso e permanência de estudantes trans no sistema educacional, combatendo sistematicamente os processos de exclusão que ainda persistem.

Para tanto, torna-se imprescindível que essa problemática seja amplamente investigada pela academia, seguindo os parâmetros teóricos estabelecidos pelos estudos queer (MISKOLCI, 2019), e de fato contemplada nas políticas públicas educacionais. Como argumenta Bento (2017), a reinvenção do corpo e da identidade no contexto escolar exige uma abordagem que ultrapasse a mera tolerância, promovendo ativamente a inclusão.

A efetivação desse direito representa não apenas uma obrigação jurídica do Estado, conforme estabelece a legislação educacional brasileira, mas uma condição incontornável para a construção de uma sociedade verdadeiramente democrática e igualitária, nos termos propostos pela teoria queer (MISKOLCI, 2019). Como demonstram esses autores, somente mediante um aprofundamento teórico-metodológico, associado a ações concretas de inclusão, será possível materializar os princípios legais que, na teoria, protegem a população trans, mas que na prática frequentemente não se concretizam.

A LDB 9394/96 reafirma o direito à educação para todos, garantido pela Constituição Federal. Mas quais são os direitos assistidos às pessoas trans para que se assegure a qualidade de suas presenças na escola?

Conforme aponta Almeida (2016), com base nos dados apresentados por João Paulo Carvalho Dias - então presidente da Comissão de Diversidade Sexual da Ordem dos Advogados do Brasil -, aproximadamente 82% da população trans brasileira abandonam precocemente a educação formal. Esse alarmante índice de evasão escolar adquire maior gravidade quando somado aos dados da ANTRA (2021), que demonstram que o Brasil ocupa a posição de país com maior número de assassinatos de mulheres transexuais e travestis no mundo, cuja expectativa de vida é reduzida a apenas 35 anos.

A correlação entre esses indicadores sociais torna-se evidente quando se observa que cerca de 90% dessa população está inserida no contexto da prostituição (ANTRA, 2021). Tais estatísticas não podem ser compreendidas como fenômenos

isolados ou casuais, mas sim como resultado de um complexo sistema de exclusão estrutural. Considerando que a educação constitui o principal mecanismo de construção de cidadania e de acesso a melhores oportunidades no mercado de trabalho (SAWAIA, 2009), a associação entre altos índices de evasão escolar e a marginalização socioeconômica da população trans demanda urgentes reflexões e intervenções por parte do Estado e da sociedade civil.

Diante dos dados apresentados, evidencia-se que a ausência da população trans no ambiente escolar não constitui um fenômeno aleatório, mas é resultado de exclusão social e educacional. As estatísticas revelam que a falta de respeito à expressão de gênero, a carência de representatividade e a abordagem superficial das questões relacionadas à diversidade configuram-se como barreiras estruturais que impedem o acesso e a permanência dessa população nas instituições de ensino (ANTRA, 2021; ALMEIDA, 2016).

3. Planejamento das entrevistas

O planejamento das entrevistas foi feito com base em um roteiro semiestruturado, o que permitiu maior flexibilidade na condução das interações e favoreceu uma abordagem dialógica. As perguntas abordaram aspectos tanto profissionais quanto pessoais das participantes, com ênfase na compreensão dos processos institucionais relacionados às questões de gênero, bem como nas motivações, desafios e experiências no processo de tornar-se professora. O roteiro foi elaborado a partir de eixos temáticos definidos previamente, que funcionaram como orientadores das entrevistas, sem comprometer a espontaneidade das respostas.

A escolha das convidadas se deu por admiração e reconhecimento da relevância social de suas trajetórias, a aproximação com elas ocorreu inicialmente por meio das redes sociais, acompanhando postagens, interações e posicionamentos das entrevistadas.

A primeira professora que entrevistei foi a profa. Erika Alcântara, formada em matemática, também pesquisadora na área de diversidade de gênero e, atualmente, doutoranda em Ensino de Matemática pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. O contato inicial ocorreu por meio da rede social *Instagram*, após recomendação de uma colega de sala que comentou sobre o perfil dela em uma aula. A partir disso, fui interagindo e comentando as suas postagens até que enviei a proposta de entrevista e ela topou. A entrevista ocorreu de forma presencial, em um local acessível para

ambas. O diálogo fluiu de maneira tranquila, conseguimos trocar acerca de muitas vivências e, finalmente, senti a pesquisa tomando corpo, o que me deixou bastante feliz.



(Acessar a entrevista com Erikah Alcântara, disponível no youtube por este QRcode.)

A segunda participante foi a profa. Ana Dulce, que é professora de dança, educadora, jurada de concursos, ministrante de cursos, coreógrafa e palestrante nas horas vagas. Também faz parte de um evento internacional, onde é embaixadora, chamado Festival Internacional de Dança de Fortaleza (FENDAFOR). Nosso primeiro contato foi quando estudei escondido numa escola de ballet aos 16 anos. Nos corredores da escola, tive o primeiro contato com ela, sendo a primeira vez que via uma pessoa trans exercendo o papel de professora. Porém, naquela época, infelizmente, não tive a oportunidade de fazer aula com a mesma. Depois de alguns anos sem nos vermos, o contato foi retomado quando Ana Dulce passou a ministrar aulas em uma escola pública de dança. A relação foi sendo reconstruída gradativamente até se transformar em uma amizade. Após semanas de convívio e aulas de dança, foi realizado o convite para a entrevista, que ocorreu em uma sala do Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (CUCA) no bairro Mondubim, em Fortaleza (CE), logo após uma aula de jazz. A entrevista teve duração de 46 minutos e 28 segundos e proporcionou reflexões profundas acerca da docência, da resistência e da leveza como estratégia de enfrentamento da transfobia.



(Acessar a entrevista da Ana Dulce, disponível no youtube por este QRcode.)

A última convidada desta pesquisa foi a professora Êmy Virgínia Oliveira da Costa, que é professora de Letras e mestre em Linguística, sendo a primeira mulher trans a lecionar no Instituto Federal do Ceará (IFCE). Natural de Alto Santo (CE), iniciou sua carreira acadêmica com destaque e, em 2019, ingressou no doutorado em Linguística na Universidad de la República, no Uruguai. Em 2024, foi alvo de um processo administrativo que resultou em sua demissão por suposta inassiduidade, decisão amplamente contestada por sindicatos e movimentos sociais. A Controladoria-Geral da União anulou o processo ao reconhecer que não havia base legal para a penalidade, garantindo a sua reintegração. Sua trajetória se tornou símbolo de resistência contra a transfobia institucional e de luta por inclusão e representatividade no ensino público.



(Acessar a entrevista com Êmy Virgínia, disponível no Youtube por este QRcode.)

Os parâmetros que orientaram a escolha das pessoas entrevistadas para esta pesquisa moldaram-se no momento de construção metodológica do trabalho, quando

buscava vozes que pudessem articular, com propriedade teórica e experiência vivida, as complexidades da inclusão educacional de pessoas trans. Todas as professoras representam justamente essa intersecção entre conhecimento acadêmico e atuação transformadora no espaço escolar, tornando-se assim interlocutoras fundamentais para o processo da pesquisa.

As entrevistas se iniciam com uma apresentação pessoal das participantes e, logo em seguida, junto com as convidadas, vou relembrando os primeiros passos na docência, transitando posteriormente por temáticas relacionadas aos obstáculos enfrentados ao longo da trajetória profissional.

O enfoque da entrevista foi concebido para permitir que as entrevistadas compartilhassem livremente suas histórias e reflexões, contribuindo para a valorização de suas vozes enquanto sujeitos centrais desta pesquisa.

Entrevistar pessoas que ocupam um lugar de referência pessoal e profissional para mim configurou-se como uma experiência intensa, dada a carga afetiva envolvida. Compreendo que esses encontros ultrapassam os limites da coleta de dados, constituindo-se como um espaço de escuta, reconhecimento e construção de vínculos. Assim, concebi as entrevistas não apenas como instrumento metodológico, mas como a própria materialização da minha pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso, enquanto produção de referencial teórico e discursivo para o campo dos estudos que relacionam questões de gênero e educação. Entendo-a também como uma oportunidade de fortalecimento de redes de afeto e de criação de novos imaginários que possam contribuir para experiências mais plurais e acolhedoras no campo educacional.

4. Metodologia

A metodologia adotada possui caráter qualitativo, de natureza exploratória e descritiva, com enfoque em narrativas e vivências de professoras trans, tendo como base a escuta sensível e o respeito às subjetividades das participantes. O objetivo metodológico foi o de elaborar uma abordagem ética e afetiva, que se afastasse da lógica objetificante comumente empregada em investigações sobre pessoas trans realizadas por pesquisadoras e pesquisadores cisgênero.

O primeiro desafio metodológico enfrentado foi o convite às participantes. Como já apresentado, a proposta consistiu em entrevistar, de forma presencial e

online, por meio de áudios gravados, professoras trans atuantes em diferentes áreas do conhecimento. A escolha por este formato visava resguardar a intimidade das interlocutoras, além de facilitar o processo de escuta em contextos marcados pela sobrecarga emocional. Dada a minha experiência enquanto pessoa trans, constantemente posicionada como “objeto” de pesquisa ou de desejo, busquei construir um processo contrário, onde a empatia, o vínculo e o cuidado fossem os eixos centrais do trabalho investigativo.

Portanto, a decisão por uma metodologia que privilegia os afetos surgiu a partir do incômodo de ser reiteradamente convocada a colaborar em pesquisas conduzidas por pessoas cisgênero, nas quais, frequentemente, não se estabelecia vínculo posterior com as interlocutoras. Tal prática, a meu ver, reforça a desumanização das pessoas trans, convertendo-as em dados estatísticos ou exemplares exóticos. Ao refletir sobre essa estrutura, compreendi a importância de posicionar pessoas trans como protagonistas das suas próprias narrativas acadêmicas, ocupando os espaços de produção e difusão do conhecimento.

Assim como na peça "Quem Tem Medo de Travesti?"³, do Coletivo cearense As Travestidas, tal abordagem intenta deslocar corpos trans do lugar de objeto para o de protagonistas narrativos. Esta pesquisa busca inverter a lógica acadêmica tradicional ao posicionar vozes trans não como "casos de estudo", mas como autoras de suas próprias histórias. A peça, ao ocupar o teatro com corpos travestis em sua plena complexidade, dialoga diretamente com este trabalho: ambos rompem com representações estereotipadas para revelar, nas vivências trans encenadas e entrevistadas, a mesma potência política e existencial que a cena teatral reivindica. Se As Travestidas transformam o palco em trincheira, nossas entrevistas transformam a academia em espaço de insurgência - onde cada relato não apenas informa, mas desestabiliza normas e exige mudança.

As entrevistas foram registradas em áudio com consentimento prévio das participantes, posteriormente transcritas e publicadas em site como podcast, para acesso fácil dos locutores. A escuta das narrativas buscou respeitar os sentidos expressos pelas interlocutoras, priorizando os temas emergentes a partir do que as

³ Em abril de 2015, o Coletivo As Travestidas estreou o espetáculo QTMT – QUEM TEM MEDO DE TRAVESTI, um aprofundamento nos procedimentos técnicos desenvolvidos dentro do Coletivo sobre Teatro e Travestilidade, tendo o transformismo como um processo de alter-ego do ator, construindo assim, o ator-trans. Informações encontradas no Mapa Cultural do Coletivo, disponível em: <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/61324/>

falas traziam. Não houve a imposição de categorias analíticas pré-estabelecidas, permitindo que o desenrolar das entrevistas se revelassem organicamente através dos discursos das professoras entrevistadas.

A metodologia empregada, portanto, buscou romper com práticas de pesquisa distantes e hierárquicas, ao adotar uma postura sensível, colaborativa e comprometida com a humanização das trajetórias trans. Essa abordagem não apenas possibilitou o acesso a experiências singulares, mas também fortaleceu vínculos e contribuiu para a construção de redes afetivas entre pessoas trans na educação, amparando-se num modelo de investigação acadêmica centrado no cuidado e na representatividade.

5. Considerações Finais

Gostaria de finalizar agradecendo principalmente às professoras que abraçaram minha pesquisa e me permitiram acessar os lugares de dor e de felicidade de suas vidas profissionais, além de disponibilizarem os seus preciosos tempos, o que me fez acreditar mais ainda na minha pesquisa. Sem elas nada disso poderia ter sido realizado.

O título do trabalho, em formato de pergunta, não será respondido. Como vimos, ainda carecemos de respostas diretas que possam dar conta de soluções definitivas. Porém, é a partir dessa provocação da pergunta-título que pretendo continuar pesquisando e enfrentando as questões que insistem em se perpetuar nos nossos corpos em processos desumanos. “Quem tem medo de travesti na escola?” é, portanto, o início de uma pesquisa que ainda tem muito o que aprofundar.

Ao longo deste trabalho, busquei compreender os medos e preconceitos que cercam a presença de travestis e pessoas trans no ambiente escolar, ouvindo as vozes de professoras trans que enfrentam diariamente desafios e produzem resistências em suas trajetórias docentes. Por meio de suas narrativas, fica evidente que o temor em relação a corpos transgêneros na escola não é algo natural, mas construído culturalmente a partir de estereótipos, desconhecimento e uma estrutura sociopolítica que ainda privilegia normas binárias e cisgêneras.

As entrevistas revelaram que a escola, enquanto espaço de formação humana, precisa urgentemente repensar as suas práticas para que seja, de fato, inclusiva. A visibilidade e a resistência dessas professoras mostram que é possível transformar o medo em acolhimento, a exclusão em pertencimento, e o silêncio em diálogo. Este

estudo não se encerra aqui, mas marca o início da minha caminhada na educação, reforçando meu compromisso com uma pedagogia antirracista, antipatriarcal e antilgbtfóbica.

Gostaria de deixar destacada uma frase de um poema criado por um artista trans chamado Bernardo Dal Pubel, publicado em seu *instagram*, e que fez muito sentido para esta pesquisa: "Ser trans é caminhar sobre cacos e ainda assim dançar". Tal frase, para mim, fala muito sobre a realidade enfrentada por muitas pessoas trans, ou seja, uma existência marcada por desafios diários, mas também por uma incrível capacidade de resistência e beleza. Mesmo em um mundo que insiste em negar nossas existências, travestis e pessoas trans seguem ocupando lugares, educando, criando arte e reivindicando os seus direitos à vida plena. A educação não pode se furtar dessa realidade, ela deve ser a primeira a estender as mãos, não apenas para semear tolerância, mas para celebrar a diversidade como parte essencial do processo de ensino e aprendizagem na formação cidadã.

Finalizo expressando o desejo de que este trabalho não seja apenas um registro, mas um convite à ação. Que as vozes que aqui trago somadas às minhas cheguem nos espaços educacionais. Que as escolas possam se tornar espaços onde ninguém precise "caminhar sobre cacos" sozinho, mas onde todas as pessoas — especialmente as trans — possam "dançar" em liberdade. Minha caminhada na educação começa aqui com a certeza de que uma pedagogia verdadeiramente inclusiva só será possível quando enfrentarmos nossos medos e transformarmos a sala de aula em um lugar de coragem, afeto e revolução.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, G. **Transfobia e direitos humanos**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2016.
- ANTRA. **Dossiê: Assassinatos e violência contra travestis e transexuais no Brasil**. 2021.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2017.
- BENTO, Berenice. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: EDUFBA, 2017.
- BENTO, Berenice. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2017.
- BORBA, Rodrigo. **Língua queer e os corpos que importam**. Campinas: Pontes Editores, 2017 (a).
- BORBA, Rodrigo. **Linguística Queer: um debate sobre partejamentos e atravessamentos**. In: JESUS, Jaqueline Gomes de; ALVES, Bruno César (Orgs.). **Diálogos sobre o gênero: desafios contemporâneos**. Curitiba: Appris, 2017 (b).
- BRASIL. **Decreto nº 8.727, de 28 de abril de 2016**. Dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 29 abr. 2016.
- BRASIL. **Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos, 2012**. Resolução CNE/CP nº 1, de 30 de maio de 2012. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2012.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.
- BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- FRANÇA, Isadora Lins. **Gênero, sexualidade e política: uma análise da violência contra pessoas LGBTQIA+ no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

- GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2021.
- GREEN, James N. **Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2008 (a).
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2018 (b).
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008 (c).
- MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019 (a).
- MISKOLCI, Richard. **A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização**. In: MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa (Orgs.). *Discursos fora da ordem: sexualidades, saberes e direitos*. São Paulo: Annablume, 2019 (b).
- PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids**. São Paulo: Annablume, 2020.
- PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Editora Ubu, 2018.
- PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2020.
- SAWAIA, B. B. **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- SILVA, Joseli Maria. **Cidades (in)visíveis: travestis, espaço e subjetividade**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2019.
- TRANSCENDEMOS. **O que é uma pessoa travesti?** 2021. Disponível em: <https://transcendemos.com.br/transcendemosexplica/trans/>. Acesso em: 13 jul. 2023.

Áudio de entrevista Maria Caironi com a Professora Erikah Alcântara Souza.**Dia 26 de janeiro de 2022****Maria Caironi | 00:01.348**

Oi gente, meu nome é Maria Caironi. Sou estudante da UFC, no Curso de Licenciatura em Dança. Hoje eu estou aqui com a professora Erikah para entrevistá-la para meu trabalho de conclusão de curso. O gatilho desta pesquisa vem sobre o processo da minha educação, do meu caminhar educativo dentro das instituições. O gatilho para que esta pesquisa tomasse corpo partiu do fato de que em toda minha trajetória educativa eu infelizmente não tive nenhuma professora trans ou travesti em todo esse processo. E eu, enquanto uma pessoa trans, me vejo na curiosidade e na urgência de vir com essa pesquisa para fechar esse ciclo com mais sabedoria e melhores referências. Então eu vim aqui fazer esse convite. E eu estou aqui com uma professora. Aí eu vou pedir para a Erikah para poder se apresentar e poder comentar um pouco mais sobre o processo dela, sobre o caminhar dela, sobre as portas que ela abriu, terem visto aqui no Ceará, em Fortaleza. Esses caminhos não foram tão fáceis, onde a gente teve que lutar bastante para conseguir os espaços ocupados. Sendo essas professoras pioneiras também nesses espaços, mas enfim, dando conclusão a essa introdução vou pedir para a professora Erikah falar um pouco mais sobre ela.

Erikah Alcântara Sousa | 01:51.333

Oi, gente, tudo bem? Como é que você está mulher? Me conta tudo. Bom, eu sou a professora Erikah Souza, mas as pessoas me conhecem como Erikah Alcântara, porque esse é o nome que eu gosto de usar. Eu sou professora de matemática, das redes municipais de ensino de Itaitinga e de Maranguape. Sou mulher trans, minha identidade de gênero é mulher trans e sou heterossexual. Quando eu recebi o convite da Maria, eu fiquei muito feliz, porque saber que existem mulheres trans em diversas licenciaturas, pra mim é algo muito positivo. Então eu fiquei muito contente. Venho aqui pra poder explicar um pouco sobre como são as minhas experiências, enquanto professora, em sala de aula e nos ambientes pelos quais eu faço meu percurso formativo. No dia a dia, profissionalmente falando, e assim, iniciando bem pelo início mesmo, uma coisa bem redundante, Queria falar para vocês que ser trans no contexto atual do nosso país é um ato de muita coragem, principalmente porque a gente

entende que nós, pessoas trans e travestis estamos há um bom tempo sendo alvos de ataques. E o Brasil é o país que mais mata mulheres, trans, pessoas trans e travestis no mundo. Então, pra mim, enquanto professora, saber que outras meninas trans e travestis estão seguindo o caminho da docência é bem pontual e positivo. E aí eu queria falar pra professora também, que ser professora já é um desafio. Ser professora... Mulher trans ou travesti, é um desafio triplo, quadruplo, quádruplo, né? Porque nós já estamos rompendo os paradigmas da nossa existência, principalmente dentro do contexto. cis-heteronormativo. Quem dirá quebrar esse paradigma? cis-heteronormativo dentro da sala de aula? Então, A gente vivencia muitas situações que... Cotidianamente, nos fazem querer desistir, mas nós somos fortes e não vamos desistir. E a prova disso é que nós estamos aqui com a Maria, né, você, Maria, que é a prova vítima de que a gente pode chegar lá. Lembro bem que quando eu comecei a graduação, né, porque só para ficar também registrado, eu tenho graduação em administração de empresas pela FATENE, tenho a licenciatura em Matemática pela UECE e tenho a licenciatura em Pedagogia pela FAIBRA. E todo esse processo formativo foi muito complexo, Principalmente por se tratar de uma época que nós não tínhamos tantas gambiarras sociais como a gente tem hoje, porque eu não falo. Nem que a utilização do nome social e do banheiro sejam direitos efetivamente garantidos. Para nós, pessoas trans e travestis, dentro dos ambientes educacionais. Mas que é o mínimo que a gente pode ter enquanto cidadãos e cidadãs na sociedade. Porém, Na minha época, não tínhamos sequer essas garantias mínimas, que é a utilização do nome e o banheiro. Mas a gente entende que... Essas barreiras estão sendo vencidas hoje, bem diferente de antes. Nós temos muitas alunas trans no ensino médio, muitas alunas trans na academia. Estamos tendo um aumento substancial de alunas trans nos anos finais do ensino fundamental. E isso me deixa muito feliz, muito embora, triste, por conta da questão do acesso dessas pessoas, das pessoas que são meus pares, dentro dos ambientes escolares. E aí eu fico triste nesse sentido, de que a gente não tem tantas, como deveríamos ter. Estamos caminhando, mas deveríamos ter mais. Porque, para além de garantir o acesso, nós precisamos garantir a permanência desses sujeitos dentro desses ambientes educacionais.

Maria Caironi | 06:20.079

Obrigada por toda essa introdução, nossa, foi belíssima. Acho que só essa introdução dela já dava todo... Um grande resumo do que a gente vai viver juntos aqui nessa entrevista. E fico bastante feliz de ter, primeiro, agradecendo a oportunidade da Erikah

estar aqui com a gente, se dispondo, encontrando o horário na agenda dela. A gente sabe que as professoras têm uma vida bem corrida, né? Para gente conseguir manter os horários, as horas dentro das instituições. A gente sabe que é algo bem corrido. E, Erikah, enfim, obrigada por estar aqui hoje, né? E a gente vai começar com uma pergunta bem pertinente, assim, Você já estava comentando sobre as alunas e alunos, né, que você tem dentro da escola. E queria saber, assim, mais, como se deu início na tua trajetória. Como, quando foi que tu... Começou a se entender enquanto professora, que tu, assim, realmente assim que tu, depois de todas as tuas formações, né, que vem aí, quando foi que tu caiu a ficha, mesmo, assim, nossa, você é uma professora, você é uma professora, travesti, pioneira dentro da licenciatura e dentro desses espaços. Como foi pra ti entender isso? E como foi pra ti ingressar nesses espaços, nessas instituições?

Erikah Alcântara Sousa | 07:53.632

Então, se tinha uma coisa que eu tinha certeza na minha vida é que eu ia ser trans e que eu ia ser professora. Isso era uma coisa que eu tinha certeza. Eu não tinha entendimento quando criança, Claro que a gente não tem. Mas, depois que a gente começa a ter discernimento, a gente entende que é aquilo que a gente quer. E se 20 vidas, eu vivesse, 20 vidas. Eu queria ser o que eu sou hoje. E nesse sentido, assim, Eu sempre gostei muito de escola, né. Eu brigava para ir pra escola. Em alguns dias, lógico. Mas tem dia que a gente não briga, não, né. Não sei se a gente quer ficar dormindo, mas a minha mãe, ela sempre foi assim, né? E isso eu agradeço muito a ela nesse aspecto, porque ela tinha... Nos dias que eu esmorecia de que eu não queria ir pra aula, porque preguiça, enfim, por n motivos, Ela dizia, não, você vai. Não deixava faltar de jeito nenhum. Então, pra ela, O legado era esse, era fazer com que eu aprendesse, com que eu chegasse lá. Então, A escola pra mim sempre foi um ambiente... Que eu tinha muito interesse de estar. E aí, nesse percurso da educação básica, Eu sempre gostei muito de estar com livros, fazer escolinha na minha casa, fazer chamada, fazer horário, Brincava com livro. Teve uma época que eu até ganhei cadeira de escola, uma escola particular que vivia fazendo as escolinhas, Uma diretora passou, uma vez viu, e disse que ia me dar as cadeiras. Então, Eu acredito que essa paixão pela docência, ela vem desde sempre. Eu não me entendo, eu não me vejo fazendo outra coisa. Senão, dar aula, senão compartilhar conhecimento. E eu acho que foi isso que me impulsionou também, né? Realmente, Quando eu já tinha discernimento do que eu queria ser na minha vida, eu ser aquilo que eu sempre fui

durante toda a minha existência, que foi ser professora da aula, Fazer escolinha, ir pra escola, ir pras creches. E aí... Quando eu tive a oportunidade de entender isso, eu busquei. Muito embora eu tenha feito administração de empresas por uma conviência, não vou dizer essa palavra, por uma conveniência social na época, né? Logo em seguida que eu pude, eu me matriculei na licenciatura. E aí, por ter feito administração de empresas com ênfase em finanças, a licenciatura que eu me vi mais encaixada, mas enfim, Eu queria dar aula, seja no que fosse. Mas aí, como eu estava fazendo finanças, Eu peguei por causa da matemática, porque eu já tinha tido muito contato com a Matemática e fui fazer matemática. Então, da licenciatura... Para a sala de aula, né, é um pulo, e a gente tem esse entendimento. Mas eu acredito que tenha sido isso, foi principalmente o fator encorajador da minha mãe, que sempre me fez, com que eu gostasse muito de educação. E também por ter tido todo esse percurso durante a minha infância e adolescência de gostar muito, de estar na escola. Acho que foi um costume, né? O costume é a gente começar a fazer aquilo durante 23 dias, e depois a gente não para mais. Foi isso. Aí, até hoje eu estou dando aula. Mas eu gosto bastante.

Maria Caironi | 11:22.906

É demais sobre isso, né? A gente vai sentindo, né? Quando a gente é professora, no decorrer, a gente resgata memórias da infância também, né? Que são pertinentes e que vão construindo quem a gente é, né? Erikah. Outra pergunta que eu queria muito te fazer também, nesse teu processo escolar, nesse teu caminhar, quantas professoras trans tu teve em todo esse caminhar, de educação infantil, educação fundamental, ensino médio e universidade, todas essas universidades, Quantas professoras trans? Você teve a experiência de ter a oportunidade mesmo, de estar junto ali, dentro de sala de aula?

Erikah Alcântara Sousa | 12:03.294

Então, professora trans. Eu não tive nenhuma.

Maria Caironi | 12:07.548

Então, você é pioneira.

Erikah Alcântara Sousa | 12:09.170

É, principalmente na matemática, Não tive nem um mês. E assim, Isso é muito complexo, né? A gente falar sobre isso é muito delicado. Você saber, Principalmente porque, na época que eu estava no ensino fundamental, no Ensino médio, na academia, a transexualidade não era tão difundida como é hoje. Então, era muito

mais difícil do que é hoje. E aí eu levo uma outra problemática, que é essa questão do pioneiro, e isso. Ser pioneiro, ele tem seu lado positivo, da abertura de portas, Mas ele tem um lado negativo porque mostra uma problemática social de que aqueles sujeitos e aqueles sujeitos não estão inseridos dentro de algum contexto. Então, por que não tem tantas professoras de trans? Por que não tinha tantas professoras de trans, sendo que a transexualidade é histórica? Por que não tinha tantas alunas trans também nessa época? Por que ainda não tem tantas alunas trans? Então, a gente reflete, ao mesmo tempo que positivamente, para poder entender que somos pioneiras, Isso é positivo, Mas, ao mesmo tempo, reflete que isso é uma situação muito preocupante, porque ser primeiro, em alguns aspectos, não é legal. Afinal, nós somos sujeitos, somos cidadãos, e a gente parece ocupar os espaços que a gente tem direito na sociedade, inclusive a escola, a academia. E quando você se vê pioneira, você sabe que ali não teve ninguém antes de você. Pode ser que venha até alguém, depois, mas e se não tiver? Então nós temos duas, dois pesos e duas medidas.

Maria Caironi | 13:56.193

A escola, Ela sempre foi esse lugar. Um pouco de exclusão mesmo para as pessoas trans, né? Tendo em vista que veio de um lugar militarizado, veio de um lugar cheio de regras, veio de um lugar muito binário, também, né? Colocando sempre imposto o gênero no qual a gente nasceu, né? Não oportunizando também a informação a chegar a gente para saber... O que é disponível socialmente. E terem visto que também dentro das escolas, essas questões são levantadas, né? Essas questões, elas existem e elas estão lá dentro da escola. Elas não são a parte disso. E é muito triste realmente ver que não existem... As maiorias das alunas trans, das pessoas trans, na verdade, na sua infância, no seu processo de educação, Precisam largar e precisam ter que retomar só num EJA, né? Você também é professora do EJA, não é? Então, acho que talvez você também tenha, Veja muitas pessoas trans tentando retomar os seus estudos para poder tentar se resocializar. Tendo em vista que a educação é algo básico e é algo de direito de todos, Mas, ainda assim, essas pessoas são convidadas, entre aspas, a se retirar desses ambientes, O que é ainda algo muito triste, pela gestão desses ambientes, né? Gestão escolar, enfim. Mas, Erikah, como é a tua expressão dentro da escola? A gente entendeu, assim, o teu processo, como foi, e teus interesses. Mas, hoje em dia, agora já professora, já formada, queria saber, assim, quantos anos já de professora, tu tem, mais ou menos, e como é a tua

expressão dentro da escola? Quanto chega dentro da escola? Não, primeira fala como é a tua expressão,

Erikah Alcântara Sousa | 16:06.105

Assim, que tu vê hoje. Aí depois eu já venho com outras questões. Tá certo. Então, só fazendo um paralelo da sua fala com relação à questão das estudantes, Eu tive alunas trans e alunas em transição também, que não estavam, né, Estavam passando pelo processo transexualizador, mas que não tinham de fato, ainda feito a transição. E hoje são mulheres trans. Mas também tive meninas, travestis, que foram minhas alunas no ensino médio. E assim, Eu acredito que elas... Teria sido pra mim, assim como foi pra elas, muito importante. Porque visualizar um sujeito ou uma sujeita que nos representa é empoderador. Então, eu tinha uma aluna trans no ensino médio, Eu nunca vou esquecer, a Tayla. A Tayla era... Ela tinha uma emergência muito grande de ser notada. Porque pra mim, De acordo com o que eu pude compreender do comportamento, ela necessitava que as pessoas visualizassem ela. Não sei se por medo, Não sei se por inexperiência, porque também era uma adolescente, mas ela tinha essa necessidade de ser amassada. Quando ela percebeu que tinha outra trans... Que essa trans era professora dela, ela começou a compreender a importância dela enquanto sujeita dentro da escola. E aí ela começou a entender isso politicamente falando, né? Como sujeita política. E aí foi quando ela começou a perceber a identidade, o quanto era importante ela se referendar enquanto travesti. E assim foi feito. Você percebia a Tayla de antes e a Tayla de depois que eu comecei a dar aula pra ela. Ela começou a se empoderar, até porque os meus discursos... Cursos da minha rotina em sala de aula, já respondendo a sua pergunta, Ela é uma expressão política, bem, vamos dizer assim, bem firme, né? É como eu costumo falar para os meus alunos e para as pessoas que não me conhecem, que não sabem que eu já fui professora. Elas acham, A primeira pergunta que elas fazem é, mas você é professora e como é que é na sala de aula? Na sala de aula, é como qualquer outro professor que seja de diferença. Se chegar um professor com Black Power, os alunos vão falar do Black Power. Se chegar um professor que seja deficiente física, eles vão falar. Se chegar um professor careca, eles vão falar. Então, tudo que você for visualizar dentro da escola, que seja de diferença, Você vai ter questionamento por parte dos alunos, certo? Então, assim, para início... É esse questionamento. Mas, como eu falei, a minha postura enquanto docente, ela é uma postura, muito, muito firme. Então, assim, Eu não dou espaço pra qualquer tipo de brincadeira.

Principalmente brincadeira que tenha algum outro tipo de cunho que não seja o que é necessário pra sala de aula. Porque também, né, Eu não vou dizer pra você que as minhas aulas são aulas que são... Tradicionais, porque não são. Quem me conhece sabe. Minha aula é dinâmica, minha aula é inovadora, minha aula quebra paradigmas, minha aula rompe barreiras. Só que, ao mesmo tempo que eu faço, tudo isso, essa insubordinação criativa, Eu tento manter sempre muito firme os meus posicionamentos. Então, quando eu entro na escola, por si só, eu já tenho... Entendimento do meu espaço de poder. E quando eu estou dentro da sala de aula, eu faço em valer esse espaço de poder. É tanto que, se você for fazer uma pesquisa, depois você vai entender quem é a Erikah, professora de matemática. Ela é meio pesada, ó. Ela é meio babadeira, mas a gente precisa ser. Infelizmente, tem horas que a gente vivencia estar armada, né? Armada. Que eu falo assim, né? Não é igual o que o Bolsonaro quer que a gente fique, não, viu? É armada no sentido das palavras que você tem que utilizar pras pessoas certas.

Maria Caironi | 20:24.731

Já preparada, né?

Erikah Alcântara Sousa | 20:26.092

Isso. Preparada para dar a resposta certa para quem quiser a resposta certa. E assim nós temos que ser, infelizmente, porque as pessoas não entendem que todos nós, todas nós, mulheres trans e homens trans e travestis, Temos direito de estar nos espaços escolares. E, independente da nossa identidade, da nossa orientação, nós temos que ter respeito. E aí eu faço um paralelo da conquista desse respeito com os alunos. Porque uma sala de aula... Pode ter um cis, pode ter um trans, pode ter uma cis, pode ter uma trans. Se você não tiver domínio de sala, não importa a sua identidade, nem a sua orientação. Você não vai conseguir levar aquela sala. Então eu acredito que esteja aí.

Maria Caironi | 21:09.491

Sim, demais. É muito sobre isso mesmo. Acho que a gente já... Assim, na verdade, é tudo. Na verdade... Novidade pra mim, né, Entender tudo isso também, porque eu, na verdade, Fiz essa pergunta Pra você, porque eu também nunca tive nenhuma professora trans, então te admiro bastante por você...

Erikah Alcântara Sousa | 21:30.791

Gratidão!

Maria Caironi | 21:32.592

Por você ter batido a mesma cara, ter ido lá, mesmo sem ter nenhuma professora trans e ter conquistado todo esse espaço, pra mim, Isso é um ato de muita coragem, mesmo, né? Acho que a nossa... A nossa vivência trans é sobre coragem. E aí isso confirma mais ainda essa coragem que a gente precisa ter. Fico imaginando também que, em todas essas experiências que já deve ter rolado dentro da sala de aula, algumas experiências, tanto boas quanto ruins. Então, se tu pudesse falar um pouquinho mais para a gente. Como é, como foram tipo, dá um exemplo ou dois, assim, um bom e um ruim ou só um bom ou um ruim. Enfim, O que tu acha que ficou assim pra ti, que seja pertinente pra ti, que rolou e que tu teve que lidar? sabe, com aquele momento e as estratégias que tu tomou também, em relação a preconceito, Assim, um diferenciamento no teu processo. E quem tu era ali dentro da escola, na tua posição, Tu puder compartilhar comigo e com as pessoas também, se eu me imponho.

Erikah Alcântara Sousa | 22:54.785

Então, se eu disser pra você que eu tive problema com algum aluno ou aluna por conta da minha identidade de gênero, eu vou estar mentindo. Porque eu não tive problema com aluno, nenhum. Por conta da minha postura, claro. E isso eu não estou falando. Postura a respeito de vestimenta. Eu estou falando postura enquanto... né? Próprio canal, enquanto pessoa que sabe ter domínio de sala, Mas eu não tive problema nenhum com aluno ou com aluna. Os problemas que eu tive com os alunos e com as alunas foram problemas que todos os professores e professoras têm, de indisciplina, Mas nada relacionado à minha sexualidade, Até porque eu sempre deixei isso muito claro, Até porque, quando eu falo, eles sabem, né? Queridos adolescentes, eles sabem, né? Apesar de que às vezes, eu fico me perguntando Sabe mulher, Porque assim teve uma vez um aluno meu do sexto ano que falou assim, tia, tu tem filho? Aí ele tá me chochando, ele tá me tirando esse menino, tá me tirando aí ele, tia, tu tem filho? Eu falei, tenho não, mas a Sarah não quer ter não. Aí eu comecei a observar o tom dele, O tom dele não era um tom de deboche, não era um tom de inspiração, era um tom de dúvida. Realmente, se eu tinha algum filho, ou seja, ele tinha entendimento que eu era trans, mas pra ele eu tinha possibilidade de ter filho. Porque você sabe que a questão da informação, infelizmente, A gente tem os desenhos das expressões na sociedade, mas a gente não tem a informação a fundo. Então, sexto ano, Eu acredito que ele pensava que eu podia engravidar. Mas tem

gente que pensa que é depósito, Mas não era, era uma dúvida mesmo. E ele sabia que eu era trans, porque isso fica bem claro, né?

Maria Caironi | 24:43.512

Tipo assim, Quando tu chega na escola, tu já deixa claro que tu é trans?

Erikah Alcântara Sousa | 24:47.435

Não, eu não deixo claro. Até porque eu não preciso nem deixar. Porque quando eu dou bons dias, eles já entendem. Eu nunca falei, eu sou trans. Não. Eu falo nos meus percursos práticos, nas minhas práticas pedagógicas, eu falo. Porque eu vou trabalhar sobre transexualidade na matemática, Vou trabalhar sobre violências contra LGBTs na matemática. Então, eles vão entender dentro dessas tensões que a gente faz na sala de aula. E são importantes porque são contextos problemáticos da sociedade. Mas eu dizer isso é trans, não, Quando eu dou bom dia, eles já sabem. Bom dia, e não tem quem suporte um bom dia da Erikah, que é babado, porque as pessoas cis também, Elas não chegam na escola se apresentando que elas são cis, né?

Maria Caironi | 25:27.913

Então a gente não tem essa obrigação exatamente, perfeita, mas era uma questão minha, porque eu ainda fico pensando se é necessário, mas às vezes nem é, né, Às vezes é só uma questão mais Da nossa identidade, né? Tipo, não é uma questão que caiba dentro da questão educacional, mesmo, da questão institucional, né? Verdade, Erikah, Obrigada por me tirar essa dúvida.

Erikah Alcântara Sousa | 26:05.335

Não precisa, não tem necessidade, porque é como eu sempre falo, em todos os momentos que eu tenho possibilidade de repassar alguma informação. Nós não temos a obrigação de ensinar ninguém sobre quem são os contextos, sobre quem são as expressões, sobre quem são as performances que existem na sociedade. As pessoas que convivem em sociedade têm que buscar aprender. Então, Eles também vivem em sociedade. Se eles entendem que aquilo dali é um sujeito diferente, um sujeito diferente do que eles já têm ideia do cotidiano, Eles têm que procurar saber o que é.

Maria Caironi | 26:35.325

Ei, Erikah. Dentro da sala dos professores. Porque agora a gente já entendeu como são com os estudantes. Que é muito tranquilo. Realmente, a gente já sabe. As crianças não têm problema com a gente. As crianças... Elas são as que entendem

mais rápido, na verdade, tudo isso. As diferenças para elas não... Existe uma problemática com diferença dentro da cabeça dos adultos, mas nas crianças, essa diferença não existe, né? Exatamente. Mas, dentro da sala dos professores, como é a tua relação com os professores?

Erikah Alcântara Sousa | 27:09.972

Então, as minhas problemáticas, as minhas situações, Os meus tensionamentos nunca foram com alunos, foram com professores. E eu não falo diretamente... Comigo, não foram tensões relacionadas à minha identidade de gênero. Porque, como eu sou na sala de aula, eu sou na sala dos professores. Muito firme. Só que, com as alunas trans, com os alunos gays... Os tensionamentos foram sempre com eles, entendeu? Então, assim, Eu sempre bati muito de frente com os professores que ficavam questionando a sexualidade dos alunos que não queriam respeitar o nome social das alunas trans. Isso me fazia ficar muito nervosa. Então, minhas problemáticas...

Maria Caironi | 27:49.622

Porque é um direito, né? É um direito.

Erikah Alcântara Sousa | 27:55.844

Respeitar o nome é um direito. E é uma lei também estadual, que é garantida às pessoas trans, nos ambientes educacionais e em todas as repartições públicas e privadas, A utilização do nome social. E não, Não tem que questionar, mas a minha briga é essa. Com os professores que por acaso, ficam questionando essa sexualidade dos meninos e das meninas e não questionam a sexualidade dos meninos e das meninas. sim, né. E aí eu fico perguntando, meu Deus do céu, pra quê? Não vai mudar em nada a vida de cada um e de cada uma. Mas, infelizmente, acontece. E as minhas situações desagradáveis dentro do ambiente escolar foram na sala dos professores.

Maria Caironi | 28:34.823

Erikah, Então a gente consegue entender que... Na verdade, uma pergunta que eu te faço. A gente já consegue entender, mas eu acho que essa pergunta ainda é pertinente. É necessário ainda a gente discutir gênero dentro da escola?

Erikah Alcântara Sousa | 28:49.230

É necessário, pontual, preciso. Principalmente dentro do contexto político do nosso país, Onde nós, pessoas trans, principalmente, Estamos sendo constantemente atacadas, hostilizadas, colocadas como assassinas, estupradoras, e, então discutir

gênero e sexualidade dentro da escola, principalmente na educação básica, nunca foi tão pontual. Porque as pessoas precisam entender que o que historicamente é pertencente ao homem cis, eles querem nos colocar na nossa conta, né? Porque o homem cis, branco, Ele sempre foi muito escroto. E hoje ele está vendo uma oportunidade de transferir essa escrotidão para outras minorias sociais. Mas esse papel que tanto nos querem dar, essas possibilidades, principalmente no que diz respeito... A escrotidões da sociedade que eles estão fazendo com a gente agora, como a questão do uso do banheiro, que está sendo muito colocada em questão nos ambientes educacionais e nos ambientes em geral, São costumes históricos dos homens cisbrancos. E quando eu falo, homens cis, homens héteros, cisbrancos.

Maria Caironi | 30:11.874

Sim, inclusive, Não vou citar nomes por questões de ética, mas o prefeito... Da Caucaia de agora, 2021, 2022, colocou em entrevista que os banheiros não poderiam ser utilizados por pessoas trans dentro das escolas da Caucaia, né? Isso é algo muito preocupante, porque é inconstitucional. Isso, na verdade, se é inconstitucional, é o quê? É um crime. Porque um ambiente escolar que já é tão excluído... Tendo excluído assim para pessoas trans, para nós, né, A gente já vê uma taxa, Até inclusive dentro da ANTRA, se colocam essas taxas de exclusão de pessoas trans, e não só precisa da ANTRA, Mas se você questionar qualquer pessoa trans que está ali garantindo o seu dinheiro? Na rua, em propulsão de rua, de prostituição, A gente sabe que ela não teve a oportunidade de estar dentro da escola. A gente entende aí que ela teve, que foi mais uma vítima desse processo de exclusão, né? Que é muito comum e que, na verdade, deve mudar. E aí, o que tu acha disso, Erikah? Sabendo que é esse processo, na verdade, criminoso mesmo. Eu te pergunto essa pergunta. Que é muito besta, entre aspas, mas que parece que ainda precisa ser dita, ainda precisa ser, na verdade, documentada para que se entenda que esse crime ainda existe, Esse crime ainda é executado. E as pessoas que a gente escolhe para estar nesses lugares de poder para a gente ainda são essas pessoas, né, Erikah? O que é que tu acha que... Que deve ser acontecer, assim, pra que se mude, assim. Eu sei que tu não é essa pessoa que vai mudar o mundo. Na verdade, tu muda o mundo porque nós, professoras, mudamos o mundo, né? Mas como que tu... O que é que tu sente, Na verdade, né? É sempre bom saber sobre a sensação, o sentimento das próprias professoras que estão nesses ambientes escolares. Imagina receber uma notícia

dessas, assim, que você não pode usar um banheiro, que é algo básico, né? O que é que tu sente?

Erikah Alcântara Sousa | 32:32.750

Assim, é... Pra começar, a história é inconstitucional, porque o STF já decidiu, né? E isso foi, Foram foram, foram feitos, sabe, Foram feitos vários, vários momentos de estudo pra poder chegar a essa decisão. Sobre a questão da utilização do banheiro, então, o STF definiu que as pessoas devem usar o banheiro de acordo com o gênero que elas se identificam, Então, isso é um assunto acabado. Pronto, final. Foi decidido pela Suprema Corte do Brasil. E aí, quando um prefeito vem nesse sentido, ele vem principalmente para poder ganhar Ibope em cima dessa onda conservadora. Podre que nós temos atualmente no nosso país, dentro desse contexto que eu falei pra vocês anteriormente. Contexto político obscuro que o nosso país vem vivendo. Mas tá chegando a mudança, viu? Tá chegando. O YouTube tá chegando. E aí, ele se aproveita disso, dessa onda conservadora. Dessas possibilidades de fake news para poder se sustentar politicamente em cima de uma parcela podre da política do nosso Brasil, do nosso país. E a gente precisa combater fortemente, e eu acredito que o Conselho de Estado de Educação, as organizações, organizações da sociedade civil, elas já estão se organizando para poder tentar desmontar esse absurdo, porque não existe, eu impor, regras dentro de uma escola que é para ser diversa, que é para ser plural, que é para ser acolhedora dentro de todos os sentidos. E aí eu acredito que nós também somos atores principais nesse processo, e nós precisamos estar constantemente fazendo, empoderando os nossos alunos e as nossas alunas para que eles possam estar respondendo à altura a esses desmandos, né? Porque aí se repita, a escola é plural, diversa. E a gente precisa respeitar as diferenças que estão dentro dela.

Maria Caironi | 34:35.856

Inclusive a LDB diz, né, A escola é um espaço para todos, e ela precisa ser para todos, né, é lei, gente, A gente não tem mais nem que discutir.

Erikah Alcântara Sousa | 34:45.204

Respeitando todos e todas.

Maria Caironi | 34:46.965

Exatamente, mas ainda te faço essa pergunta, entre aspas, bem ignorante e besta, porque, na verdade, ainda vem à tona, né, ainda vem nos noticiários, ainda chega pra gente, como se a gente ainda precisasse responder esse tipo de coisa, enfim, mas

ainda pergunta. Porque é o que ainda estão nos servindo. Espero que realmente tudo isso mude, todo esse estado mude. Espero que Erikah, pra vereadora, pra presidenta... Eu espero demais que mais uma das pessoas trans estejam nesses lugares de poder. Ser uma professora já é um lugar de poder. Também, mas espero que nunca mais esses tipos de atrocidades se repitam. Enfim, Érika, eu acho que essas foram as perguntas que mais me vieram na mente e que mais foram pertinentes para mim. Te agradeço demais por ter respondido com tanta calma, com tanta sabedoria, com tanto entendimento a respeito de tudo, porque você dá para perceber que você é uma pessoa madura. Quem pesquisar, gente, sobre a Erikah, Ela está aí, minha filha, em diversas... E diversos entretenimentos. Ela serve entretenimento. Ela serve...

Erikah Alcântara Sousa | 36:05.401

Meu @ no instagram é@aErikahAlcântara.

Maria Caironi | 36:07.282

Arroba a Erikah Alcântara. Vou deixar bem exposto.

Erikah Alcântara Sousa | 36:09.962

Obrigado.

Maria Caironi | 36:10.644

Ela serve informação, entretenimento, postura. É uma mulher de garra. É uma mulher que já conquistou anos e anos dentro da educação. E que eu tenho um altíssimo respeito. É tanto que eu a convidei justamente por isso. Porque pra mim, ela é uma inspiração. Eu que estou me formando agora enquanto professora. Fico, assim, lisonjeada dela ter aceitado esse meu convite. E me sinto mais leve agora, tendo esse tipo de conversa com ela, tendo em vista que eu não conseguia tirar nenhuma dessas dúvidas com nenhum dos meus professores, que são todos cis, né? E é isso, gente. Acho que a gente vai ficar por aqui, né, Erikah?

Erikah Alcântara Sousa | 36:52.375

Olha, primeiro, assim, só pra encerrar... Queria desejar muito sucesso, principalmente na sua trajetória. Enquanto professora de dança, viu Maria? Obrigada. Dizer que foi um prazer contribuir com a sua pesquisa, porque nada sobre ela e sem ela, já que eu tenho a Aguinaldo. E, assim, dizer que é muito importante que a gente possa ocupar todos esses espaços de poder, na dança, na matemática, no português, na geografia. E que nós possamos ter mais professoras licenciadas e a gente possa dominar realmente os espaços que são nossos de direito. A gente possa ter essa voz ativa,

que você chegue lá, que você possa dar a sua aula de dança, possa estar efetivando sua docência em artes e possa ter muito sucesso, Ser muito feliz, fazendo com que outras pessoas trans se inspirem em você também, porque nós somos inspiração.

Maria Caironi | 37:47.252

Gente, depois dessa entrevista, eu me sinto muito mais forte, muito mais confiante e cheia de perseverança agora para continuar. E fico mais cheia de afirmação também em querer ser professora mesmo. Só de escutar toda essa trajetória da Erikah me deixa muito esperançosa para esse novo mundo que a gente está querendo construir. Esse mundo, que é cheio de diversidade, esse mundo, que é cheio de oportunidade para nós. Não só nós, pessoas trans, mas ainda existe ainda essa exclusão de pessoas negras, pessoas deficientes, mas que seja um mundo mais inclusivo, Acho que é isso que a gente tá querendo e esperando, então é isso, gente, obrigada por escutar toda a nossa conversa, que essa entrevista aqui foi muito especial, e é isso Vamos lá, vamos, que é, vamos, e é isso é tudo sobre elas, sem elas, sem elas não dá, Minha filha é por elas, para elas e... Sobre elas. Beijo!

Áudio de Entrevista Maria Caironi com a professora Ana Dulce

Dia 22 de Junho de 2023

Maria Caironi | 00:00.700

Oi gente, meu nome é Maria Caironi, Sou aluna do curso de Dança e licenciatura da UFC e estou no meu trabalho de conclusão de curso, que consiste em fazer uma pesquisa, uma entrevista com alguns professores, que também são trans, assim como eu, para entender mais a experiência, para entender mais do caminhar, de como foi toda essa estrutura pensada e construída por elas mesmas, né, esse caminho. E aí hoje já entrevistei uma outra professora, Hoje eu estou com uma professora que, além de ser professora, ela também é da área da arte, né? Do mundo das artes, inclusive também da dança. E hoje eu estou aqui com ela para saber um pouco da vida dela, da caminhada, da área profissional dela enquanto professora. E eu estou aqui com a Ana Dulce. Amiga, você apresenta um pouco.

Ana Dulce | 00:59.668

Oi, gente, tudo bem? Me chamo Ana Dulce, como a nossa amiga falou, eu sou professora, eu sou educadora, eu trabalho como jurada, trabalho como ministrante de

curso, palestrante nas horas vagas, coreógrafa. E também faço parte de um evento internacional, onde eu sou embaixadora, que é chamado Fendafor.

Maria Caironi | 01:27.424

Obrigada, amiga. Eu acho que para a gente contextualizar um pouco, vamos falar um pouco do início da tua história dentro do mundo das artes, enquanto professora mesmo. Mas, antes disso, para contextualizar melhor, Vou contar mais ou menos como eu conheci a Dulce. A Dulce começou a dançar numa escola que eu dançava em 2017, Antes de eu entrar na universidade. É 2017, amiga, Não era antes, né? Foi 2014. 2013. 2013, 2014. Ou antes. Ou antes, né? Não, mas acho que foi esse ano mesmo.

Ana Dulce | 02:04.773

Deve ser 2012, 2013.

Maria Caironi | 02:06.554

Pronto. Que aí eu comecei a fazer ballet clássico escondido, a minha família. E aí eu fazia aula com outro professor, mas acabei encontrando a Dulce lá. E eu acho que foi a primeira pessoa que eu vi assim, que era uma pessoa trans. E que foi uma identificação muito forte. Mas, infelizmente, na época, eu ainda era muito tímida, não cheguei a conversar com ela, trocar ideia. Não cheguei a conseguir ter esse contato. Mas foi passando os tempos, né? Ela era professora de lá e acabei lembrando dela. E aí, encontrando ela nas redes sociais, A gente começou a conversar, mais, ter mais contato. E hoje eu sou aluna dela, que esse foi o Plot Twist, disso tudo. Fui tentando criar mais esse contato, essa conexão, e acabei entrando. Ela me convidou para dançar junto com ela, que dá aula aqui, no Cuca. Inclusive, a gente tá aqui no cuca do Mudubim. E acabou que, conciliou, a gente conseguiu fazer essa entrevista hoje. Eu agradeço de antemão, amiga, a presença, a disponibilidade de estar aqui. E aí é isso, amiga. Conta um pouco de como foi esse início de carreira, assim. Como foi que foi chamada Pro Mundo das artes, Como te sentiu convidada. Se tu já se sentia mesmo dentro, se tu já queria, já era um desejo. Conta mais pra gente.

Ana Dulce | 03:34.984

Ah, então. Eu sempre me identifiquei com a dança, com a arte, desde criança. Desde quando eu era muito nova, o meu sonho era ser bailarina do Faustão. Eu assistia aquelas apresentações aos Domingos e... E me vi ali naquele palco. Na verdade, Meu sonho era ser famosa, ser rica e famosa. Aí eu sempre dancei, desde criança, desde

muito nova. Eu gostava muito de dançar. O É o Tchan, sabia quase todas as coreografias. E eu não tinha essa oportunidade por eu morar em outra cidade.

Maria Caironi | 04:07.444

Que você é de?

Ana Dulce | 04:08.664

Maracanaú.

Maria Caironi | 04:09.045

Você é de Maracanaú, né?

Ana Dulce | 04:10.286

Sou da Cidade Metropolitana daqui. E tudo começou, na verdade, quando eu tinha 14 anos. Eu e mais duas amigas, minhas, A gente era super amigas e eu sempre tive vontade de dançar. Ballet clássico também, porque eu ouvia muito o show da companhia do Calypso e eu me inspirava muito na Mila, Mila Carvalho. E eu via aquelas apresentações e eu ficava encantada de ver uma cantora viajando, fazendo shows em cima de uma sapatilha de ponta. Então, a minha única referência que eu tinha através do Ballet até então era essa. E a Barbie, né? Todo mundo já assistiu, né? O famoso quebra nozes do lago dos Cisnes. Então, tudo começou com meus 14 anos. Minhas amigas, Elas se inscreveram num projeto social, onde eu, infelizmente, não podia fazer parte, por conta que tinha que fazer comprovação de renda, e eu não podia fazer parte. Eu meio que fui proibida. Aí eu pedi pelo menos pra fazer uma aula experimental. E dessa aula experimental, o professor que tava ensinando, ele amou o meu artístico, ele gostou de mim. E ele falou assim, olha, Não te preocupa que eu vou fazer de tudo pra tu ficar aqui. Mesmo tu não tendo...

Maria Caironi | 05:21.383

Isso no Maracanaú?

Ana Dulce | 05:22.224

Isso no Maracanaú. Começou quando eu tinha uns 14. Então, eu comecei a frequentar essas aulas, onde eu comecei a estudar o ballet clássico, comecei a fazer aulas. E, com menos de um ano, eu recebi uma proposta para vir estudar aqui em Fortaleza. Eu fui convidada para ir para uma escola de formação, que é a Gorete Quintela. Aí eu fiz a audição.

Maria Caironi | 05:46.180

Ah, você começou na Gorete.

Ana Dulce | 05:47.019

Fiz na Gorete. Aí, onde eu fiz a audição, passei. Antes disso, eu era de um projeto social, participei de todos. Eu era a fominha, sabe, no ballet, eu comecei a entrar em todos os projetos. Tanto é que, no final do ano, quando teve o encerramento de aula, Eu dancei em três projetos, Eu fui a única que participei dos três, eu era bem fominha, mesmo, eu pegava minha bike e ia

Maria Caironi | 06:12.215

Quando entrou, tu se jogou mesmo, né?

Ana Dulce | 06:21.180

Eu entrei corpo e alma, tu se apaixonou mesmo. Fui apaixonada a vida. Minha mãe ficou até chateada comigo, porque eu deixei de fazer um estágio pra ganhar dinheiro pra estudar dança ... Até hoje, ela não me perdoou, por causa disso. Aí eu dancei nesses festivais, aí as pessoas começaram a ver o meu desenvolvimento, Onde surgiu essa oportunidade pra eu estudar fora, que seria em outra cidade, né, aqui em Fortaleza.

Maria Caironi | 06:44.323

Vir para a capital né?!

Ana Dulce | 06:46.684

Sim, bem aqueles filmes de dança, mesmo, aquela garotinha que vai dar uma cidade pequena pra uma cidade grande, tentar ser o sonho. Assim foi eu. Aí eu comecei na gora de Quintela. E fiquei lá durante dois anos.

Maria Caironi | 06:59.580

Aí lá, tu iniciou o teu mesmo estudo em dança, né? Em dança mesmo

Ana Dulce | 07:02.103

Ballet clássico. ballet mesmo, ballet clássico, mesmo. Fiz algumas aulas de jazz também. Lá foi onde eu realmente consegui aprender o ballet clássico. Lá foi onde eu estudei o ballet clássico.

Maria Caironi | 07:11.732

Começou a engatinhar, né?

Ana Dulce | 07:13.092

Isso. Porém, eu não me identificava tanto com a escola. Eu gosto muito da escola, mas eu não me sentia totalmente em casa. Tinha as viagens que eu fazia, mas eu nunca ficava tanto com a minha escola. Que era a escola da Tia Gorete. Sim. E eu sempre me identificava muito com a escola da tia Jane. Aí, as viagens, Eu ficava com

a galera. A minha amiga que entrou comigo na dança, ela foi pra Jane, por indicação minha. Ela entrou num projeto social da Jane.

Maria Caironi | 07:43.546

Então, tu conheceu a Jane através dos festivais?

Ana Dulce | 07:47.249

Foi, através das competições, apresentações.

Maria Caironi | 07:50.032

Ah, das competições.

Ana Dulce | 07:50.092

Eu conheci a galera da Jane. Aí, eu... E do nada me deu, me bateu a vontade de tentar o novo. Eu queria me sair do ballet, eu tava cansada do ballet clássico e queria entrar no mundo do jazz. Aí, em 2010, eu entrei na Jane Ruth. Hoje eu comecei a fazer aula com o Márcio Carvalho, Por sinal, eu amo ele, Marcos Carvalho. Aí foi ele. Vamos professores que me que assim que depois foi minha toda essa, toda essa energia do jazz, entendeu?

Maria Caironi | 08:22.767

E aí foi outra paixão, né?

Ana Dulce | 08:24.768

Foi daí que eu descobri o jazz em 2010. Foi daí que eu descobri essa paixão, O Feeling do jazz. E, desde então, desde 2010, que eu estou na escola da Tia Jane.

Maria Caironi | 08:38.611

Aí, tipo, quando... Foi a primeira escola que você começou a dar aula? Foi lá na Jane Ruth?

Ana Dulce | 08:46.474

Não. E já dá para lá. Antes, antes de dar aula na tia Jane, eu dava aula em projeto sociais, eu comecei eu como eu falei, eu já eu já trabalho que eu já tenho. Esse trabalho só saiu já muito tempo, desde muito nova, né? Que era eu, eu precisava. É uma forma de trabalhar, porque meus pais não me apoiavam, porque minha mãe, meu pai, queria que tivesse outras coisas que achava. Que dança, não dava para fazer e tal e eles não me pagavam. Eles falaram para mim que eu podia dançar, mas eles não iam me patrocinar em nada. Eu que teria que conseguir meu dinheiro para poder curtir as minhas passagens, sapatilha de ponta, essas coisas, né? E foi daí que eu comecei a dar aula em Maracanaú, nas escolas abertas, nos projetos, mais educação. Trabalhei também num colégio particular, foi em Maranguape, Foi o

primeiro colégio que eu trabalhei. Que é o Sebastião de Abreu, que é um colégio bem conhecido lá em Maranguape. E foi daí que eu fui pesquisando mais, fui me aprofundando mais na história da dança, no modo de ensinar, de direcionar. E fui desenvolvendo isso, Além disso, as aulas que eu fazia na Jane.

Maria Caironi | 10:01.407

Mas essa é a tua formação pra tu começar a se tornar professora. Foi mais através das tuas experiências dentro de sala ou tu teve alguma formação mesmo?

Ana Dulce | 10:08.974

Eu tive duas formações. Eu tive a minha primeira formação, onde eu levei nove anos. Foi na Jane Ruth, né? Sou formada em Ballet clássico. E jazz também, Eu levei nove anos para me formar.

Maria Caironi | 10:19.461

Entendi.

Ana Dulce | 10:20.102

Então foram nove anos onde eu estudei, pesquisei, competi, viajei. Fui premiada, recebi bolsas.

Maria Caironi | 10:31.431

Aí, depois de quando saiu de lá, tu foi convidada pra dar aula na Jane Ruth?

Ana Dulce | 10:36.253

Não, eu fui, eu me convidei pra entrar na escola da Jane Ruth, foi uma escola onde eu me apaixonei. Hoje é a minha família, a minha casa, minha primeira e segunda casa. E desde então, eu comecei a estudar, a fazer aulas, aí depois comecei a dar algumas aulas lá. Também

Maria Caironi | 10:55.021

Nessa época, você já se entende enquanto pessoa trans?

Ana Dulce | 10:58.350

Sempre me entendi como pessoa trans. Porém, A minha transição começou a partir de 2011.

Maria Caironi | 11:02.611

A terapia hormonal, né? 2011, né? Aí, nesse tempo, pra você entrar nesses lugares e se tornar professora, teve alguma dificuldade em relação a isso? Tipo, por você ser uma pessoa trans, ou tá início de transição, assim, as pessoas, como foi pra ti?

Ana Dulce | 11:21.016

Amiga, pra ser bem sincera, Eu não posso te falar que foi tanta dificuldade. Porque, tipo assim, Eu consegui, assim... Ocupar legal meu espaço desde o começo, Então eu conhecia muitas pessoas. Então, basicamente, Todo mundo acompanhou essa minha transição. Então, pra mim, até então, pras essas escolas foi bem leve, porque elas já me conheciam.

Maria Caironi | 11:42.568

Na verdade, Elas admiravam teu trabalho, já sabiam que você era uma pessoa dedicada, né?

Ana Dulce | 11:46.671

E eles já sabiam que eu iria se adicionar a qualquer momento. Eu sempre deixei claro pra todo mundo, Eu só precisava de um momento certo na minha vida, pra eu poder iniciar a minha transição. Por favor, a minha transição... foi? A minha transição foi o meu nome, realmente, meu nome social.

Maria Caironi | 12:00.940

Mudar o nome, né?

Ana Dulce | 12:01.980

Era. Mas, antes da minha transição, eu já, A minha aparência física já dava a entender.

Maria Caironi | 12:09.204

Sim, Mas isso causava estranhamento, mais ou menos, nas pessoas, assim, tipo, Porque eu acho que as pessoas entendiam quem eram os homens gays, mas uma mulher trans...

Ana Dulce | 12:19.709

É bem difícil as pessoas entenderem o que era uma mulher trans. Principalmente no mundo da dança. Não existia antes de mim, infelizmente, Não existia nenhuma mulher trans que trabalhasse com dança, que fosse professora...

Maria Caironi | 12:32.081

Sim, você é pioneira.

Ana Dulce | 12:33.481

Que dançasse nas sapatilhas de ponta, que fosse a primeira mulher a competir numa categoria feminina. Aí daí que foram aparecer as dificuldades.

Maria Caironi | 12:41.443

Então foi gatinhando, né. E vocês foram gatinhando juntos, né. Tanto tu quanto as pessoas que estavam ao teu redor.

Ana Dulce | 12:46.945

Foi todo um processo, foi todo um ensinamento, porque... Até a minha escola, no começo, não foi tão difícil, mas foi um pouco estranho pela...

Maria Caironi | 12:57.485

Desinformação, né?

Ana Dulce | 12:58.646

Pela desinformação. A competição já aconteceu no primeiro ano que eu já tinha me transicionado. O concurso ter pessoas reclamando de eu estar concorrendo numa categoria feminina, onde eles não me viam como menina, por eu ser uma mulher trans. E isso, eu sempre... Fui rebatendo esse preconceito e fui ensinando e foi daí que eu consegui conquistar o meu espaço.

Maria Caironi | 13:27.829

A escola, então, te abraçou mesmo?

Ana Dulce | 13:30.231

Eu sempre falo, Eu estava no momento certo e na hora certa, com pessoas certas. Então, a minha transição, O meu mundo na dança foi tudo mais fácil através da minha mãe, Jane Ruth, e da minha irmã mais velha, Kaira. Então, elas conseguiram tornar o meu mundo melhor. Elas conseguiram, mas elas também entendiam sobre isso, né? Então eu senti ela sentiu, né? Ela tinha uma visão, né? Ela chegar lá no meio praticamente humanizaram elas sem nenhum tipo de informação. Eu fui a pesquisando e tu ia conversando com ela. E elas sempre foram super abertas comigo para poder entender o que é a diversidade, né?

Maria Caironi | 14:09.862

Então, quando havia, por exemplo, esse tipo de reclamação, elas te apoiavam, elas te defendiam.

Ana Dulce | 14:19.147

Elas falavam, ó, Você é uma mulher, você vive socialmente como mulher, você respira como uma mulher e é seu direito ficar nessa categoria.

Maria Caironi | 14:27.309

Que incrível.

Ana Dulce | 14:29.310

Elas nunca pensaram em colocar uma categoria de pessoas trans.

Maria Caironi | 14:33.151

Para pessoas trans,

Ana Dulce | 14:34.151

né. Sempre foi na categoria mulher.

Maria Caironi | 14:38.533

Sim, porque hoje em dia as pessoas, elas, nesse lugar, parecem...

Ana Dulce | 14:42.094

Elas querem separar a gente da sociedade, né. Já querem colocar um banheiro pra pessoas trans.

Maria Caironi | 14:46.592

Então, era isso que eu ia citar.

Ana Dulce | 14:48.171

Colocarem uma categoria, que eu acho isso inviável.

Maria Caironi | 14:51.033

Sim, inviável, né? Porque nós somos mulheres, Então, como é que a gente não ia competir junto com as mulheres?

Ana Dulce | 14:55.936

Eu ia competir junto comigo mesmo.

Maria Caironi | 14:57.335

Pois é, só tu. Pouquíssimas, não ia ter como, né?

Ana Dulce | 15:00.257

Agora começa a aparecer meninas.

Maria Caironi | 15:02.409

Que bom, pois é. Então, esse foi o teu início de caminhada, né? Assim, mais ou menos. E aí depois tu começou a dar aula mesmo. Que bom, então, assim, que pelo menos tu teve um apoio. Que tu teve pessoas ali pra te ajudar. Porque isso a gente sabe o quão diferença faz na nossa vida. Um apoio de uma pessoa. Ter pessoas que apoiam a gente.

Ana Dulce | 15:24.515

O apoio que eu não tive em casa, eu tive na minha outra casa, que era na dança.

Maria Caironi | 15:26.317

Que lindo. E é tanto por isso que tu reconhece elas como família mesmo. É família. Começou a dar certo.

Ana Dulce | 15:31.357

Tia Jane Hood como uma mãe mesmo. E a cara, como se fosse uma irmã mais velha.

Maria Caironi | 15:35.579

Que legal, amiga. Nessa relação, dentro de sala de aula, mesmo, relação, aluno-professor, contigo, Já teve... Sempre foi de boas, ou já teve problemática de pais reclamarem assim, aí, essa pessoa... Nunca teve, né? Que bom, então, tia Jane Hood sempre foi...

Ana Dulce | 15:51.466

Eu acho que sim, amiga, porque eu sempre agi com muita naturalidade e eu nunca levei essa pauta trans, sempre onde eu ando. Eu sou a Ana Dulce, que é professora. Sim. Do fato de eu ser trans, é um detalhe. Eu acho que foi isso que essa minha autoafirmação de como artista, porque o que eu levo primeiramente para as pessoas que estão me vendo? A artista, a Ana Dulce. Não é a primeira bailarina trans nordestina que tá lá, é a Ana Dulce. Então eu sempre ensinei isso para as pessoas. Então, as pessoas me viam com mais naturalidade. Então foi tudo para mim. Mais leve.

Maria Caironi | 16:30.133

Sim, que bom. Pelo teu entendimento mesmo.

Ana Dulce | 16:33.916

Foi uma sorte. Foi uma sorte também. Onde a gente vive.

Maria Caironi | 16:37.557

A gente sabe que esse geralmente é meio fora da curva, né?

Ana Dulce | 16:41.398

É quase um conto de fadas que eu tô dizendo. Parece até mentira, mas comigo, felizmente, Eu tive bastante sorte.

Maria Caironi | 16:47.620

Amiga, eu fico muito feliz de conseguir entrevistar uma pessoa que teve uma trajetória que não tenha sido de tanto sofrimento. Porque isso também mostra o quão pode acontecer. Essas novas mudanças estão vindo assim, com as pessoas entendendo melhor, com as pessoas abrindo as suas mentes, com as pessoas acolhendo, apoiando.

Ana Dulce | 17:07.708

Eu sempre tive, repleta de pessoas, boas, pessoas que gostam de mim, pessoas que gostam, principalmente do meu trabalho, que elas não me veem. Através de rótulos, eles veem a artista, que é trabalhadora, que é responsável, que sempre viveu no meio da arte, Então, eu acho que isso pesou bastante. Em relação aos meus trabalhos, eu acho.

Maria Caironi | 17:33.421

Sim.

Ana Dulce | 17:34.061

Eles conseguirem chegar primeiro. A profissional, a pessoa que é organizada, a pessoa que trabalha bem, que é compromissada com o seu trabalho. E por eu ser trans ou não, era só um detalhe. Claro, eu acho que, às vezes eu nem sei se aconteceu, Mas eu acho que, com certeza eu já perdi muita oportunidade por eu ser uma pessoa trans de escolas que são, né? Tradicionais não querer uma pessoa, um corpo trans na sua escola, porque...

Maria Caironi | 18:02.325

Pra dar aula.

Ana Dulce | 18:03.445

Que pode chocar com a família.

Maria Caironi | 18:05.366

Sim, com a família.

Ana Dulce | 18:06.627

Pode ter acontecido, provavelmente. Com certeza aconteceu isso, só que eu não soube. Mas as escolas que eu já...

Maria Caironi | 18:12.491

Que tu depois, resgatando onde a gente tava, né, tu deu aula lá no Maracanaú, nos projetos sociais, Aí depois tu foi pra Jane Ruth, que tu foi convidada, ou que tu se convidou, né, mas que elas te acolheram. Elas me acolheram.

Ana Dulce | 18:24.199

E depois... Eu já tava lá, vou mandar pra ela, que ela já é daqui mesmo.

Maria Caironi | 18:27.921

Sim. Que bom. E depois de lá?

Ana Dulce | 18:31.202

Pronto, Em 2013, eu recebi uma oportunidade pra trabalhar de carteira assinada, foi o meu primeiro trabalho de carteira assinada. Foi onde eu trabalhei num polo de convivência, do ABC do Curió. Aí foi bem, também, Foi bem diferente trabalhar com projeto social, onde eu vivenciei realmente a nossa realidade, né, de trabalhar com As crianças e adolescentes carentes, né? Que são de total vulnerabilidade. E eu tive que aprender, né? A me reciclar mais para poder acolhê-los Para mim, poder

conseguir é o que eu sempre falo. Uma palavra que eu acho que é legal é conseguir um resgate. Conseguir resgatar eles.

Maria Caironi | 19:20.705

Que lindo, amiga. Três anos lá. Inclusive, Eu já ia te fazer uma pergunta, que era justamente como se construir afeto dentro da educação. Então, acho que ela acabou de me responder, né? Falando sobre...

Ana Dulce | 19:30.588

Você ter que se transformar em três, você tentar de uma forma... Tem uma coisa muito legal que eu vou te contar, que eu não sabia lidar com as crianças, que eram crianças... revoltadas, crianças rebeldes que tinham seus problemas em casa.

Maria Caironi | 19:48.355

Já estavam em vulnerabilidade, né?

Ana Dulce | 19:49.759

Em vulnerabilidade. E elas chegavam na sala de aula e elas acabavam... Expressando os problemas que elas tinham através da rebeldia. E eu não conseguia entender isso, na minha cabeça, não conseguia entender. Eu só achava que era a birra e eu pensava, como eu era muito mais nova, Eu levava só elas para a diretoria e não dava certo. E eu chegava em casa e ficava me perguntando, meu Deus, onde é que eu estou falhando? Como é que eu posso ser uma profissional melhor? Como é que eu posso fazer uma forma de trazê-las, trazer esses jovens, essas crianças para mim? Aí eu pensei de várias formas. E eu pensei que a melhor coisa a fazer hoje que eu levo pra minha vida é a inclusão. Eu tinha uma aluna que eu nunca vou esquecer dela. O nome dela é Karine. Ela era uma criança. super... Hoje, a Karine deve ter seus... Já deve ser até mãe. Já deve ter seus 18, 19 anos, já. Por aí. É, por aí. 2013. E ela tinha... Enfim, não sou boa de conta. Mas ela já é uma moça. Já é uma moça praticamente. Ela era uma criança super rebelde. E... E todos os dias, ela me dava uma dor de cabeça. Ela não usava coque, sabe? Ela era uma criança super, difícil. E eu não entendia. Depois, eu fui parar para pensar que ela tinha uma vida problemática, que ela tinha uma vida de uns pais que não ligavam para ela. Então, o que ela fazia? Ela era rebelde. Ela expressava de uma maneira negativa. E chegou um dia que eu pensei, não, hoje eu vou fazer diferente. Hoje eu vou... Tentar incluir a Karine pra mim. Aí foi que eu falei assim, não, Karine, Hoje eu vou fazer o seu coque. Aí eu fiz o coque dela. Aí ela não queria fazer aula. Falei assim, não, Hoje quem vai dar aula vai ser a Karine. Aí ela pensou assim, Ai meu Deus, se ela tá me chamando

pra ser professora, tia, Então, agora eu tenho que me comportar. Então ela, que era a minha assistente oficial. É a minha assistente oficial. E as meninas, não, mas ela é muito danada, ela é muito levada. Ela não pode hoje em dia. Deixa ela, vai. Aí ela começou a...

Maria Caironi | 21:59.683

Se engajar mais.

Ana Dulce | 22:01.324

E foi uma das melhores alunas que eu tive.

Maria Caironi | 22:03.304

Nossa amiga.

Ana Dulce | 22:05.805

Aí eu comecei a pensar se a gente trabalha com educação, a nossa função de educadores é trazer eles para a gente, não afastar. Porque eles já têm os problemas deles de fora de casa. E eu, como professora, ser mais um problema para eles. Isso eu não entendi. Foi quando eu comecei... Comecei a entender isso.

Maria Caironi | 22:23.471

Então, isso foi um aprendizado que tu teve que formação. Nenhuma te deu, né? Foi de vivência mesmo, né?

Ana Dulce | 22:29.874

Nunca fiz nenhum tipo de capacitação.

Maria Caironi | 22:31.676

Capacitação, né?

Ana Dulce | 22:32.376

Não fiz nenhum tipo, foi na marra. No tapa, mesmo, foi na porrada.

Maria Caironi | 22:37.578

Amiga, que massa, assim, Essa história mostra muito sobre como a vida também traz tantos aprendizados, né? E às vezes, construir afeto é sobre você realmente repensar, pensar. Entender onde que falta ali, né, onde que tá ali o distanciamento e trazer pra perto mesmo, né.

Ana Dulce | 22:58.329

E também em relação ao eu, né, a minha pessoa, Eu sempre tentava educar essas meninas e meninos da forma mais legal possível, que fosse clara. Eu, todo início de aula, eu conversava com elas, Eu sempre gosto de ter uma roda de conversa com os alunos, de saber como é a vida deles, o que que eles passavam, Então aí eu falava

um pouco de mim, né, e eu... E eu tentava explicar da minha forma o que era uma pessoa trans. De uma maneira que não fosse algo que chocasse os pais, entendeu? E elas conseguiram me entender de saber que a tia Dulce é uma pessoa trans. E eu explicava tudo direitinho pra elas, ó. A tia... A tia Dulce, ela é um ser humano como você. Eu penso da mesma forma. Eu tenho sonhos, eu tenho pensamentos.

Maria Caironi | 23:47.708

E aí você era as pessoas da coordenação do projeto?

Ana Dulce | 23:49.868

Não, com as crianças.

Maria Caironi | 23:51.069

Então, as pessoas da coordenação, falando, conversando com as crianças.

Ana Dulce | 23:53.511

Não, eu conversando com as crianças.

Maria Caironi | 23:54.493

Ah, tu conversando com as crianças.

Ana Dulce | 23:55.634

Eu conversando com as crianças. Sempre eu fazia uma roda de conversas com elas.

Maria Caironi | 24:00.137

Mas como foi que surgiu esse momento de tu querer conversar e se abrir para esse assunto?

Ana Dulce | 24:05.962

Foi uma forma de defesa que eu tive por eu trabalhar a primeira vez no área. Difícil que seria com pessoas mais carentes, pessoas que não tinham que são carentes de informações. Então o que eu pensava era eu tinha que educar essas pessoas, eu tinha que começar a educar essas crianças. Elas entenderem que nossos corpos trans existem principalmente naquele tempo, 2013 Nossa,

Maria Caironi | 24:27.937

Meu Deus.

Ana Dulce | 24:29.498

Então eu falo que algumas coisas pra mim acabou acontecendo, que acabou sendo leve. Foi porque eu preparei o terreno antes, porque eu acho que se eu não tivesse esse feito esse preparo, esse preparo social com as crianças, os adolescentes, Eu poderia ter sofrido, com certeza, algum tipo de transfobia. Porque elas não iam saber o que era. Pessoa trans.

Maria Caironi | 24:52.956

Não ia entender, né?

Ana Dulce | 24:54.056

Elas iam confundir algo, entendeu? Aí eu explicava, ó. A tia é trans, ela não é um homem que é um homossexual. Não, Eu sou uma pessoa que não me identificava com o meu gênero e eu precisei, para me ficar feliz, me transicionar, mudar a minha aparência física, de acordo com a minha alma. Então, uma pessoa trans, gente, é isso. É aquela pessoa que ela nasce no corpo, não é um corpo errado, Ela nasceu naquele corpo que a natureza deu. Só que eu precisei adaptar o meu corpo, da minha forma, com plásticas ou sem plásticas. Pra mim poder me sentir bem, de acordo com a minha alma. Aí elas falavam, ah, professora, então entendi. Então, pra elas ficou muito mais claro. De elas saberem respeitar que se ela vê uma travesti na rua, uma pessoa trans, ela faz não.

Maria Caironi | 25:41.242

É uma pessoa.

Ana Dulce | 25:41.883

É uma pessoa, eu não posso julgá-la.

Maria Caironi | 25:43.482

E merece respeito.

Ana Dulce | 25:44.404

Merece respeito e tá tudo bem. Então eu comecei a...

Maria Caironi | 25:47.525

Então, você tem que pôr nas rodas de conversa, dentro da sala de aula, que começou a abrir esses assuntos.

Ana Dulce | 25:52.448

Eu comecei a garantir o meu espaço. Olha. Para evitar, Eu fui inteligente.

Maria Caironi | 25:59.367

Aí foi. Naquela época, ainda, viu?

Ana Dulce | 26:02.227

Eu fui inteligente. Na verdade, foi o que eu sempre falo. Eu sempre fui muito na questão da minha autodefesa. Eu sempre evitar de passar...

Maria Caironi | 26:12.710

Tu pensava na tua cabeça, se o pai chegar e se... Tu tinha tuas dúvidas, né, na época? Eu tinha medo de morrer.

Ana Dulce | 26:18.672

Eu tinha medo de morrer, né? Eu tinha medo de um pai que fosse traficante. Falar, Não quero um homem vestido de mulher dando aula pra minha filha.

Maria Caironi | 26:26.554

Sim. Esse é um dos meus medos, também. Essa pesquisa que eu faço...

Ana Dulce | 26:31.996

Eu tinha muito medo. É um medo que nós, mulheres, trans, apesar de a minha transição, o meu mundo na arte, né, ser leve, Mas a gente tem medo todos os dias.

Maria Caironi | 26:41.099

Mas graças a Deus nunca aconteceu, né? Graças a Deus. Eu acho que foi porque tu foi tateando o mesmo, amiga.

Ana Dulce | 26:47.200

Eu fui educando eles desde o começo.

Maria Caironi | 26:50.402

E criança, não é que... Eles são as pessoas mais rápidas de se entender, não é?

Ana Dulce | 26:55.745

A criança é o coração mais puro que a gente tem na face da Terra.

A criança, ela consegue entender tudo muito rápido.

Maria Caironi | 27:01.306

Eles estão ali, bem esponjinhos, né? Estão vendo as informações.

Ana Dulce | 27:05.568

É uma informação que fica pra vida deles. Então, é o que eu sempre falo. Eu acho que o futuro realmente são as crianças. Eu acho que nós, como educadores, a gente tem sim que falar sobre a diversidade, de falar que travesti existe, que trans existe, de falar que nós somos capazes... Capazes que eu posso ser uma professora, que você pode ser uma professora também, né, que a sua irmã é veterinária e que a gente vai, sim, daqui uns anos, daqui alguns meses, ver médicas. Eu conheço uma médica, Você conhece? É,

Maria Caironi | 27:36.302

mas a gente ainda vê essas pessoas ainda chegando, uma, né, duas. A gente conhece ainda nas profissões, porque a gente ainda tá tateando e capinando esse caminho, né, que doido, né, A gente tá em 2023, e a gente ainda tá tateando.

Ana Dulce | 27:54.233

A gente tem preparar nosso espaço para a gente ser respeitada. Não era pra ser assim. Porque nenhuma pessoa cis faz isso. Não é uma pessoa cis que vai chegar assim. Olha, eu sou uma pessoa, cis. Eu me identifico com o meu corpo. Mas eu exijo respeito. Porque não existe isso aqui dentro. Não era pra existir isso.

Maria Caironi | 28:12.085

E o negócio é também as pessoas estranharem a gente estar nesses lugares. Nessas profissões. Exercendo profissões. Sendo pessoas responsáveis. Sendo pessoas que estão querendo estar ali, porque ama aquele lugar, ama fazer o que faz.

Ana Dulce | 28:24.633

É esse que é o problema, que as pessoas, elas marginalizam nossos corpos, de achar que nós somos sujas, que nós só servimos para o lado sexual, para a esquina, ou para a estética. Infelizmente, é esse pensamento que... Que a sociedade tem, né?

Maria Caironi | 28:44.331

E esse pioneirismo dá medo, não dá? Porque a gente... É sobre isso, é sobre essas questões.

Ana Dulce | 28:49.274

Em vários momentos eu tive vontade de desistir, eu tive medo de falar assim, gente, não tem ninguém para me apoiar, eu não tenho ninguém, eu não tenho uma referência de pessoa trans.

Maria Caironi | 28:59.502

É justamente isso. Quantas professoras trans? Tu teve, né? Em toda a teu processo educacional?

Ana Dulce | 29:05.066

Nunca.

Maria Caironi | 29:05.546

Nenhuma, né?

Ana Dulce | 29:06.187

Eu tive uma que eu conheci, assim, ela nem sabe que eu conheci, ela. Que ela trabalhava nesse polo de convivência, onde eu iniciei e ela foi pra fora estudar. E hoje ela é uma educadora, Hoje ela trabalha com jovens.

Maria Caironi | 29:24.668

Como é o nome dela? Erikah. A Erikah.

Ana Dulce | 29:27.430

Uma loira. Ela trabalha na Pacatuba.

Maria Caironi | 29:29.691

Menina, é a Erikah, a Erikah da matemática? Uhum. Foi a primeira entrevistada que eu fiz. Sim, foi a primeira entrevista.

Ana Dulce | 29:38.197

Ela me conhece.

Maria Caironi | 29:40.242

Ela tá agora no Rio de Janeiro, que ela vai fazer o doutorado dela, Minha filha. Ela tá voando.

Ana Dulce | 29:46.508

Que legal,

Maria Caironi | 29:46.929

Não acredito, gente,

Ana Dulce | 29:48.289

esse momento. É lindo, né? Ela foi a minha única referência que eu tive, assim, como pessoa trans, que venceu na vida. Eu falei, ah, gente, se é essa, ela é professora.

Maria Caironi | 29:57.994

E tá aí hoje, Ela ainda tá construindo os caminhos.

Ana Dulce | 30:00.495

Nem sabe, manda esse vídeo pra ela.

Maria Caironi | 30:01.956

Ai, com certeza eu vou mandar. Não, No dia que eu for defender, eu vou convidar vocês duas, A gente comenta sobre tudo. Que massa, amiga. É isso. Tá vendo? Ela foi a tua referência, tu foi a minha referência. Tá vendo como a gente tá ligada, porque somos poucas, ainda? Estamos tateando esse lugar? Que massa. Mas, pois é, amiga, é isso o caminho, né? Tipo, A gente tentando encontrar umas às outras pra gente construir, saber como as que já estão lá, a gente saber como lidar com essas...

Ana Dulce | 30:34.479

A gente precisa enaltecendo. Porque sem inveja, a gente tem que realmente enaltecendo. Sim, amiga. E a gente da comunidade trans precisaria ser mais unidas. Eu acho que a gente não desunida.

Maria Caironi | 30:47.637

Sim. Ainda é uma leve guerra, né?

Ana Dulce | 30:50.720

Existe essa guerra aí feminina, que eu acho que não era pra ter, não. Pra gente realmente ser irmãs mesmo. Como a gente faz? Eu e você, a gente se une mesmo.

Maria Caironi | 31:03.956

ajudar, né, uma outra.

Ana Dulce | 31:06.058

O que eu preciso fazer por você, eu vou fazer você por mim e assim vai. As manas, mesmo se apoiarem.

Maria Caironi | 31:12.479

Pra você ver como a gente fala muito sobre transfobia, transfobia, mas olha como o machismo também tá ali, porque essa guerra feminina existe tanto no mundo cis, quanto existe também no mundo trans, né? Sim, A gente precisa realmente rever tudo isso aí, né? Ai amiga, que bom, Eu acho que a gente conseguiu um... Como que uma palavrinha, a gente conseguiu colocar tudo, Acho que em linha, em palavras, né? Acho que a gente conseguiu chegar num ponto aí, ótimo, mesmo. Eu, pelo menos nas minhas dúvidas, eu amei ter sabido dessa coisa sobre conversar mesmo, fazer das rodas de conversa, esse lugar de afeto, esse lugar de...

Ana Dulce | 31:54.010

Eu acho que é bem importante. E assim, o que eu sempre falo para os meus alunos, para as pessoas que são mais próximas de mim, que dá a cara, tá, pô. Vai ter não, entendeu? Então, você tem seu foco, você tem sua meta. Eu tinha minha meta, eu falei, ó, eu quero ser uma professora, eu quero crescer no mundo da dança, eu quero viajar pro exterior, Eu quero conhecer novas culturas, Eu quero me formar, eu quero viver de dança, eu quero viver nesse lado social, de educar, de resgatar vidas, né? Eu falo isso, a gente resgata vidas. E eu não desisti, desde então, eu... Eu me engajei mais em outras modalidades que na dança do ventre, contemporâneo. E as pessoas de fora foram vendo a minha garra, minha vontade de ser alguém na vida de meu profissionalismo. Isso não foi abrindo portas para mim, onde eu, ano passado, eu me arrumei. Eu

Maria Caironi | 32:57.312

eu sou nomeada como embaixadora de um evento internacional.

Ana Dulce | 33:02.297

Nunca imaginei que uma pessoa, uma mulher trans,

Maria Caironi | 33:06.761

a primeira mulher trans,

Ana Dulce | 33:08.844

Nordestina, Se a capa de um evento internacional que existe já há 23 anos.

Maria Caironi | 33:14.027

Isso é uma conquista, amiga, para a gente.

Ana Dulce | 33:15.949

Para a gente mesmo,

Maria Caironi | 33:18.212

para todas nós.

Ana Dulce | 33:19.512

Quem imaginaria esse convite? Recebi esse convite, assim, que eu nem acreditava, pensei que era mentira. E próxima quinta-feira Eu tô mais uma vez, mais um ano como embaixadora no Fendafor.

Maria Caironi | 33:34.286

Que lindo.

Ana Dulce | 33:36.728

E saber, assim, que todo mundo queria conhecer a Ana Dulce, todo mundo queria saber quem era essa. Professora Ana Dulce. Ninguém queria saber se era trans. Não, Queria saber quem era essa Ana Dulce que o pessoal tanto fala, que passou nos jornais, que passou na TV, que as pessoas queriam saber quem era a Ana Dulce pra tirar foto com ela, pra saber um pouco sobre a história da Ana Doce e como a gente tava agora, né, terça-feira no bar. E você viu? Uma menina aleatória chegou e mandou uma mensagem pra mim e falou assim, oi, com licença.

Maria Caironi | 34:05.832

Do Rio de Janeiro, amiga.

Ana Dulce | 34:07.373

Não, de São Paulo.

Maria Caironi | 34:08.313

São Paulo.

Ana Dulce | 34:09.674

Ela vai começar a transição dela. E ela falou assim, olha, Eu tenho muito medo de me transicionar, tenho medo de ser expulsa da escola de dança que eu sou.

Maria Caironi | 34:16.020

Porque ela tem bolsa, Ela era bolsista, né? Ela é bolsista. Tava com medo de começar a transição.

Ana Dulce | 34:19.862

De perder a bolsa. Aí eu falei assim, não. Aí ela pediu com licença, pediu desculpa por ter entrado na minha rede social. Falei, não, tô aqui pra te ajudar e é uma coisa que me deixa muito feliz, que, de vez em quando, sempre aparece. sim, E o que me deixa mais feliz, tu é referência,

Maria Caironi | 34:37.473

amiga, pra muitas as que tão vindo aí, Começam a pesquisar, abrem um, abrem um google, pesquisa e aparece você, pois é, e

Ana Dulce | 34:49.476

eu fico super feliz que eu não sou mais a primeira trans brasileira, né?

Maria Caironi | 34:54.801

Tem várias, né?

Ana Dulce | 34:56.402

Só no meu Instagram, eu acho que eu tenho umas cinco, umas cinco, quatro. Sim.

Maria Caironi | 35:02.327

São das artes, da dança?

Ana Dulce | 35:03.329

São da dança, são professoras. Que incrível,

Maria Caironi | 35:05.610

olha.

Ana Dulce | 35:06.090

Que aí a gente vai descobrindo, né? A gente vai descobrindo pessoas que nem eu. Eu falei, meu, Deus, eu não sou a única.

Maria Caironi | 35:13.156

Você é tão feliz em saber que você não é a única.

Ana Dulce | 35:16.038

E que essas pessoas também estão... Estão semeando a educação e de fazer as pessoas...

Maria Caironi | 35:21.137

Esses novos caminhos também, né?

Ana Dulce | 35:22.438

Esses novos caminhos, entender que nós existimos, que é um lugar que é nosso, também, entendeu? Que a gente pode, porque não? Por que eu não posso ser uma professora?

Maria Caironi | 35:30.660

Amiga... Sim, demais. Amiga, como que tu agora faz pra tu criar os teus novos aliados? Como que são as suas estratégias pra tu chegar nos lugares, nos teus próximos lugares, nas suas próximas etapas, assim? De que tu pensa na tua vida profissional.

Ana Dulce | 35:50.227

A minha meta...

Maria Caironi | 35:51.268

Como fazer esses aliados? Não, mas como fazer esses aliados?

Ana Dulce | 35:54.070

Não sei, eu quero ficar rica. Já sofri tanto.

Maria Caironi | 35:58.133

Tu não tem uma estratégia pra chegar a seus lugares pra criar aliados.

Ana Dulce | 36:01.017

Não, agora, não mais. Eu tenho... Eu tô numa forma de vida que eu quero, que as coisas aconteçam naturalmente.

Maria Caironi | 36:06.781

Sim.

Ana Dulce | 36:07.501

Sabe, aparece um... Ah, eu quero... Não, Na verdade, eu queria ser blogueira. Eu queria que eu fosse descoberta assim, o fantástico. A primeira trans nordestina. Eu ficar assim.

Maria Caironi | 36:22.405

Estourar mesmo.

Ana Dulce | 36:24.906

Um momento. A bailarina. Estou parecendo a Anitta. Eu queria ficar.

Maria Caironi | 36:29.129

Eu queria ficar.

Ana Dulce | 36:31.691

Acredita. Eu quero ver esse áudio. Se deu certo. Aí eu queria ficar verificada no Instagram, sabe? Aí as marcas, fechar as marcas comigo. Você é uma Juliette da dança. Eu só queria só isso.

Maria Caironi | 36:50.787

Fechar com as marcas. Com a inscrição do BBB, aí, quem sabe?

Ana Dulce | 36:53.468

Não, não penso nisso, não. Eu sou muito doida, não. Acho que é muita exposição.

Maria Caironi | 36:58.469

Aí vou estragar com tudo que eu fiz. Pior. Ou pode estourar como famosíssimo, né, Minha filha? As pessoas gostam das pessoas reais, amiga. Você é super real.

Ana Dulce | 37:08.272

Ou eu posso ser odiada.

Maria Caironi | 37:09.273

É, talvez. Mas enfim, amiga

Ana Dulce | 37:11.294

. A Lina foi odiada, né?

Maria Caironi | 37:12.795

Amiga, quem... Saiu mais ou menos. Ela saiu com os contratos, aí hoje. Ela tá bem, rica. Não, mas eu não tô preparada pra transfobia,

Ana Dulce | 37:18.800

ela. Eu acho que eu não tô preparada pra transfobia, não. Eu não sofri tanta, Então é quando vem, né? É,

Maria Caironi | 37:23.283

é verdade.

Ana Dulce | 37:24.244

Mas tá aí uma coisa bem importante que eu vou colocar aqui. O quanto é difícil quando você é mais conhecida. Quando você vive no anonimato... Só no pessoal da arte, pra mim é tudo mais fácil. Agora, quando eu passei além da arte, foi um pouco mais difícil um fato que aconteceu. Ana dos Ribeiros estourou no jornal Pouco Diário do Nordeste, TV e Tal e colocaram professora educadora. Teve um... Vocês podem até pesquisar depois o quanto de comentários transfóbicos meus. Aí eu falei assim, meu, Deus, agora a fama veio, Eu tenho haters agora. E pra vocês terem...

Maria Caironi | 38:05.624

Não dá pra fugir dos haters,

Ana Dulce | 38:07.005

né? Não dá pra fugir da transfobia, né? Eu pensei assim, não, tava dando tudo certo. Aí depois, quando eu recebi esse nomeado, né, como embaixadora Internacional de Dança de Fortaleza, E as pessoas não queriam saber da minha história, que tinha lá toda a minha história. As pessoas comentavam que nunca vai ser uma mulher.

Maria Caironi | 38:26.214

Nossa, amiga

Ana Dulce | 38:27.975

Ah, jornal.

Maria Caironi | 38:28.696

Que horror que horror.

Ana Dulce | 38:29.277

Não quero saber disso. Eu quero saber de coisas mais importantes, entendeu? Ah, mas... legal. Nunca vai ser uma mulher. Ah, isso é um homem. Homem vestido de mulher. Homem que botou uma prótese, entendeu? Então, a transfobia...

Maria Caironi | 38:46.068

E tipo... Tá ali, né. Real. Ela existe.

Ana Dulce | 38:50.231

Só que assim, Eu fiquei um pouco preocupada. O quanto de ódio de pessoas, sabe, comentando sobre a minha foto. Eu falei, meu, Deus... Será que o que eu fiz, o que eu faço não valeu, O que importa é só o que eu sou, o detalhe de pessoa que eu sou. Aí chega aquela transfobia que tu não é a realidade que bate de entender, não, Meu mundo não é só aquele mundo de fantasia que eu vivia o mundo existe, realmente a transfobia existe e eu sofri da pior forma. Quando eu vi todos esses tipos de comentários, eu falei assim e aí eu vou curtir todos. Eu curti o que eu botava no coração. Amei! Porque, tipo assim... Eu entregava amor pra eles.

Maria Caironi | 39:33.304

Eu entregava amor porque,

Ana Dulce | 39:35.664

tipo assim, Eu entendo que as pessoas que são transfóbicas, O que é transfobia é quando a pessoa invalida a tua existência. Então eles querem que nós morramos. Eles querem que a gente se dê mal. Entendeu? Morram, eles. Morram os transfóbicos, sabe? E eu quero viver. Eu vou viver. Sabe, eu não vou deixar a minha vida, as minhas metas que eu já tive, que eu tenho, por conta de pessoas que não têm nem amor no coração. Então, eles que morram. Posso dizer isso?

Maria Caironi | 39:59.933

Não sei, mas pode ser real. Ai,

Ana Dulce | 40:03.075

gente, não vou ser hipócrita, que morram os transfóbicos, desculpa.

Maria Caironi | 40:07.395

Sim, mas eu acho que é sobre isso, amiga, com visibilidade. Com visibilidade, vem junto as problemáticas, né?

Ana Dulce | 40:14.478

As problemáticas, imagina o BBB.

Maria Caironi | 40:16.638

Sim.

Ana Dulce | 40:18.022

Eu não poderia nem andar...

Maria Caironi | 40:18.904

Mas a gente não pode pensar que a gente não deve estar nesses lugares, porque vai vir transfobia, vai vir hate. Não! A gente tem que estar lá mesmo. E o hate, eles que se lidem, eles que se mordam as costas deles. Porque a gente tá conquistando os nossos lugares, e é muito mais sobre isso.

Ana Dulce | 40:32.853

As pessoas estão perdendo tempo de falar mal das nossas existências. Quem são elas?

Maria Caironi | 40:38.636

Tu tá construindo um caminho.

Ana Dulce | 40:39.917

São pessoas que nunca fizeram bem pra ninguém, entendeu? Sim. Aí é o que você pergunta, o que você faz de bem pra sua vida? O que você faz de utilidade? É uma pessoa que é inútil. Veio pra terra só pra ocupar espaço.

Maria Caironi | 40:53.772

Sim. É isso, amiga. Amiga, quem são as suas referências hoje em dia? No mundo da dança, no mundo das artes? Não precisa ser só pessoas.

Ana Dulce | 41:04.358

Eu vou me declarar agora Caio Nunes.

Maria Caironi | 41:05.239

Caio Nunes.

Ana Dulce | 41:05.780

Caio Nunes, Eu tenho ele, assim como um tio da dança. É uma pessoa assim, com a sua apaixonada.

Maria Caironi | 41:09.982

Tudo.

Ana Dulce | 41:11.102

Tudo que ele faz pra mim é lindo, tudo que ele faz é bonito. Eu sou apaixonada por ele, eu tenho ele como um tio. É, olha, meu olho até brilha, ó. Caio Nunes.

Maria Caironi | 41:19.833

Quem mais, além do Caio?

Ana Dulce | 41:21.295

Ah, Caio Nunes, é... A Mila, da companhia do Calypso, foi graças a ela, graças a companhia do Calypso, que hoje eu sou quem sou, que tudo, que lindo é naquela evangélica corta. Vai ficar uma coisa engraçada, gente, eu sou engraçada, não liga, vai ficar tipo um stand-up Comedy já já Mila. E é ter minhas referências internacionais que a Lauren Fredman em frente, que é uma bailarina, sabe que eu admiro demais de onde que ela é. Ela é dos Estados Unidos, Estados Unidos. Foi uma ganhadora de um reality, lá fora que tudo, e não ela. Na verdade, ela não tem uma escola, ela só é professora, ela é famosa, ela é bem conhecida, já é verificada e tal. Aí ela é uma das referências pra mim. Se vocês verem os vídeos dela dançando, você vai falar assim, gente, ela lembra a Dulce. Muito, é eu que vi ela.

Maria Caironi | 42:31.921

Você inspirou bastante nela.

Ana Dulce | 42:34.022

Com o meu artístico. Ah, E tem vários profissionais. Tem o Caio Nunes, tem o Cicero Gomes, tem meus professores, né? Que graças a eles, eu sou quem eu sou. Janne Ruth, que eu tenho, ela como minha mãe. Lúcia Meriáres, que é uma professora que é a minha segunda mãe, também, que é uma das pessoas que sempre me acolheu. De igual pra igual. E é porque é uma pessoa altamente religiosa, uma pessoa altamente tradicional e a minha existência não interviu.

Maria Caironi | 43:05.804

Afetou, né? Não afetou. Não foi colocada em questão, né?

Ana Dulce | 43:10.627

Não foi colocada em questão. Ela sempre me respeitou, como a bailarina

Maria Caironi | 43:15.578

é mais gente desse que a gente precisa no mundo, amiga. São as pessoas que, mesmo que tenham suas crenças, suas tradicionalidades, mas ainda assim, conseguem estar no mundo.

Ana Dulce | 43:25.124

Ela é trans, legal. Eu gosto da Ana Dulce.

Maria Caironi | 43:28.545

Ela é trans, legal. Mas e o que ela faz? Ela é comprometida? O que ela quer? Onde ela já chegou? É muito sobre isso.

Ana Dulce | 43:35.988

E a gente como algo normal.

Maria Caironi | 43:37.668

Sim, pessoas.

Ana Dulce | 43:40.049

Pessoas, como pessoas, sim.

Maria Caironi | 43:40.449

Ai, que bom, amiga. Amiga, é isso, Eu acho que eu já tô aqui cheia de amor, muito envolvida. Eu amei ter escutado toda essa história, ter te conhecido mais ainda. Porque mesmo que a gente já tenha conversado muito, né...

Ana Dulce | 43:53.412

Tem coisas que eu esqueço de falar.

Maria Caironi | 43:55.313

Sempre tem, você tem algo mais a agregar na minha vida. Os meus ouvidos, assim, são canções. E sim, mais uma vez, obrigada demais por estar aqui, por ter disponibilizado esse tempo. Você achava que ia dar nem 20 minutos, Tá dando agora 45 minutos, gata. De entrevistas, sim! E depois eu que luto redigir tudo. Mas vai dar muito certo. Obrigada demais, amiga. Espero que a gente só vá vencendo. A gente só vá vendo o quanto a gente vai crescer, mais. Vendo mais ainda o nosso sucesso. O nosso engrandecimento. E a gente nas capas e revistas. Saindo em todos os cantos e crescendo. Inclusive juntas. E é muito sobre isso. Porque é muito sobre isso. Espero que a gente ainda chegue a dar aulas em lugares juntas. também. Que a gente faça esse mix. De professoras do DO É, de companhias, mesmo junto com professoras, mais é mais teórica. Olha, são sonhos. Vamos realizar, vamos colocar no papel tudo que eu vou, deixar, tudo gravado e que depois a gente joga no Fantástico.

Ana Dulce | 45:01.760

É só um recadinho para falar, sempre muito grata. Quando lembra da minha existência, enaltece a minha história, o povo que eu estou criando, que eu quero fazer muito mais. E é isso, e para as pessoas que estão me escutando agora, é isso, digam

não à transfobia, vejam a nós, pessoas, trans, como pessoas que nem vocês. A gente trabalha, a gente estuda, a gente tem sonho, a gente só quer viver, Eu não quero ocupar o espaço das pessoas cis, Não quero tomar o lugar. De pessoas que a gente não tá aqui para competir, a gente tá para agregar, a gente tá para somar. Certo e quem assim tiver vendo esse áudio é quiser conhecer um pouco mais o meu trabalho sobre a minha vida. Venham fazer aula comigo aqui no Cuca, né? Qual o @ do Instagram? É a Ana Dulce Ribeiro. Tudo junto, Ana, só com N Dulce Ribeiro, Tudo junto. Eu só a primeira lá, a famosinha do Instagram e me deixem senhores e gente, se tiverem patrocínio, me indiquem até pra. Ser modelo fotográfico eu topo tudo, gente, tudo,

Maria Caironi | 46:12.411

amiga, obrigada demais foi tudo, gente, A gente vai encerrando aqui esse papo, que foi muito gostoso e depois vai estar aí em alguns lugares, em algumas plataformas e vamos dar um jeito de chegar em muita gente. É isso, obrigada, beijo.

Entrevista Maria Caironi com a Professora Emy Virgínia

Dia 22 de Abril de 2025

Maria Caironi | 00:00.776

Olá, gente, boa tarde. Eu sou a Maria Caironi, sou aluna da licenciatura na dança na UFC e estou com o meu projeto de TCC com a orientadora Rosana. E estou fazendo algumas entrevistas com algumas professoras aqui do Ceará, que são mulheres. Trans também, assim como eu, e que seguem a linha da minha pesquisa, né? Que é justamente fazer essas entrevistas com elas. E hoje eu estou aqui com a grandiosa... Êmy, Virgínia, uma grande nova amiga, agora, né? Que, a partir da minha pesquisa, eu conheci uma amiga que veio me apresentar a ela, E aí nós estamos aqui justamente para entender essa trajetória da Êmy. Ela é uma pessoa, assim, inclusive, já de antemão, Agradeço o tempo, Êmy, que você conseguiu ter, Que a gente sabe que todas as professoras têm um tempo muito corrido, uma vida muito corrida. Já agradeço de antemão. E aí eu quero que de início, agora tu dê uma introdução sobre quem é você, um pouco da sua trajetória, E depois a gente vai deixando fluir com as próximas perguntas.

Êmy Virgínia | 01:12.431

Bem, eu sou a Êmy, eu sou professora, sou professora de língua portuguesa. Hoje eu trabalho no IFCE, mas antes de trabalhar no IFCE, eu trabalhei... Cinco anos na rede pública estadual. E eu me formei primeira coisa, né? Meu primeiro, toda minha vida, eu trabalhei com concurso, toda minha vida, eu fui concursada, porque ninguém dá um emprego fácil a uma pessoa LGBT, então assim, eu nunca trabalhei porque alguém me disse, olha, chama ela, entendeu? Então, meu primeiro concurso foi quando eu tinha 18 anos e eu já sabia fazer naquele concurso que eu tinha que passar, porque já havia uma pressão muito grande na minha família, porque eu sempre fui muito afeminada, muito... A minha transição, do ponto de vista da terapia hormonal, ela é recente. Eu comecei a minha transição em 2018, mas eu sempre fui uma pessoa entendida de que eu era uma pessoa que estava num corpo, que não era o que eu queria estar. Então, eu sempre fui muito afeminada. Eu fui uma criança viada, então eu sempre fui muito repreendida. Quando eu comecei a chegar no meu ensino médio, eu já sentia a minha família meio que pressionando de que eu tinha que ou eu mudava ou a gente não ia tolerar muito. Então, eu já sabia, Eu já tinha uma certa consciência de que eu estava em perigo e que eu precisava trabalhar. Então, esse primeiro curso. Eu já sentia que eu queria passar, que eu ia passar. Porque eu queria a minha autonomia financeira. Então, o primeiro concurso foi com 18 anos. Eu trabalhei toda a minha faculdade, eu trabalhei na prefeitura. Eu trabalhava como, na época, chamava de agente administrativo. Que era a pessoa que tinha que fazer o trabalho de secretária. Mas eu era concursada, ninguém podia me demitir. E eu podia ser a viada que eu quisesse ser. Embora muitas repreensões, com muita... Mas eu era concursada. Então, assim, tá, eu faço meu trabalho, vocês fiquem calados. Fiz toda a minha faculdade trabalhando na prefeitura, como agente administrativo. Quando eu estava terminando a faculdade, antes de terminar, eu já comecei a me preparar para fazer o concurso do Estado, o concurso para professora, Porque eu disse, eu não vou ficar a minha vida inteira ganhando o que eu ganhava, porque era um salário mínimo. Eu disse, não, eu vou passar nesse concurso. Eu sempre sabia, sempre soube que eu... Tinha que fazer mais do que os outros. Ninguém ia me chamar.

Maria Caironi | 03:58.550

Não ia ser por indicação, né amiga.

Êmy Virgínia | 04:03.052

Eu passei a minha faculdade inteira, vários dos meus colegas já trabalhavam, Eu nunca trabalhei a minha faculdade inteira, dando aula, nunca. Porque eu era muito viada para trabalhar com a tia. Só que aí, quando deu o concurso, eu passei.

Maria Caironi | 04:20.720

Que incrível!

Êmy Virgínia | 04:22.222

E as minhas colegas, a maior parte, não passaram. Então, sempre soube que eu tinha que fazer mais do que os outros, que eu só ia ser chamada se eu fosse concursada. E aí, eu passei nesse concurso, passei bem. Eles tiveram que me engolir, realmente, porque eu passei tão bem que eu pude escolher a escola. Você sabe, parece escola, né?

Maria Caironi | 04:43.410

Aí é, quando você passa mais acima, você tem, mais esse...

Êmy Virgínia | 04:48.028

Isso, nas escolas estaduais, que são muitas escolas, né? Nas escolas estaduais, A depender do lugar que você passa, você ganha prioridade na escolha da escola. E aí eu escolhi uma escola lá na minha cidade, em Tabuleiro, E disse que quero ir para essa escola, né? E aí trabalhei cinco anos nessa escola como concursada, de 2011 até 2015. Fui trabalhar nessa escola. Terminei a graduação.

Maria Caironi | 05:13.809

Assim que você terminou a graduação, então você não tinha mestrado, né?

Êmy Virgínia | 05:17.271

Não. Terminei a graduação, Aí fui trabalhar, porque eu precisava trabalhar. Fiz uma especialização lá mesmo, uma especialização que era paga. paguei, era um valor, era na Universidade pública, era na Universidade estadual, tem uma universidade estadual lá em Moeiro, que fazia na cidade vizinha. E aí fui trabalhar, porque eu precisava ganhar dinheiro, e segui a minha vida. Em 2013, eu já estava com três anos nessa escola, aí eu disse, ah, eu vou começar a estudar para fazer a seleção de ministério. Aí, em 2013, eu me preparei, fui me preparando, estudando. Fui fazendo uma graninha também, uma poupança, porque eu queria reduzir a carga horária para poder fazer o mestrado. Fiz a seleção e passei. Quando eu terminei o mestrado, em 2015, eu fiz o concurso do IFCE. Aí foi que eu fui para o IFCE. Mas tudo isso, estudando muito, sabe? Diminuir carga horária, mas estudando muito, porque eu sabia que... E tem uma coisa, quando eu fui fazer o concurso do IFCE, que tem a

prova didática, eu ensaiava a prova didática e quando eu ensaiava, olha, só o que é isso. Eu ensaiava da maneira que eu pudesse falar menos aviadado possível. Porque eu sempre sempre muito, muito, muito menina. Eu lembro que eu tinha amigas com quem eu ensaiava e eu ensaiava, olha, eu tenho que parecer ser uma pessoa séria, porque era uma prova pra gente, né? E eu sabia, que eu sempre soube que eu era julgada por ser uma pessoa LGBT.

Maria Caironi | 07:04.116

Sim, porque o nosso jeito de falar, né, já é visto como muito informal e até marginal, mesmo, na margem da sociedade.

Êmy Virgínia | 07:14.565

Exatamente. Então, eu sabia que aquilo ia me prejudicar. Aí, eu passei no concurso do IFCE, fui chamada, então eu tive um salto, um salto financeiro muito significativo.

Maria Caironi | 07:26.709

Ai, que ótimo.

Êmy Virgínia | 07:28.109

E aí, quando eu tive esse salto financeiro, eu digo, pronto. Agora, ninguém mais vai me impedir de ser o que eu quero ser. De viver a vida que eu quero viver. De fazer o que eu quero fazer. Agora eu terei vários espelhos na minha casa. Eu não tinha espelho em casa. Eu gostava de me ver. Eu não tinha um espelho em casa. Hoje a minha casa tem espelho. Ai, que belo, né? Bom, agora eu posso fazer tudo que eu quero fazer. Eu não tenho mais nenhuma insegurança financeira, no sentido de não ter como pagar um plano de saúde, né? E ter como pagar um plano de saúde que eu não tinha. Segurança financeira, Eu disse, pronto, Agora eu vou começar a minha vida realmente. Eu tinha 27 anos. Eu disse, agora sim, é a hora. Não tenho mais medo, Eu não tive mais medo.

Maria Caironi | 08:24.646

Ai, que incrível, né?

Êmy Virgínia | 08:26.066

Porque eu sabia que eu tinha como me salvar, porque ninguém ia me salvar. Eu sabia que ninguém ia me salvar, ninguém ia segurar as pontas. E aí eu comecei a minha transição. Antes disso, porém, eu, em 2017, minha transição começa em 2018. Em 2017, quando eu entro no IFCE... Quando eu entrei no IFCE, você passa a conviver com outras pessoas. Eu senti uma coisa diferente no IFC.

Maria Caironi | 09:00.266

Era diferente. O colegiado? O Colegiado da Escola Pública para o Colegiado do IFCE?

Êmy Virgínia | 09:05.390

No colegiado da Escola pública, eu me sentia mais livre. Eu tinha problemas na escola, de alunos que me ofendiam, mas eu não tinha um ambiente, Parece que o IFCE é um ambiente mais rígido. No sentido de que você lida com um regime de polidez, Maria. Na escola, parece que é um lugar em que você pode...

Maria Caironi | 09:34.317

Se expressar mais.

Êmy Virgínia | 09:37.099

O IFCE parece que aquele monte de gente é inteligentíssima. Ninguém que é inteligente pode ser viada. Então, eu via o jeito que as pessoas se vestiam. E se portavam e se vestiam. Aquilo foi me adoecendo de algum modo, porque eu me sentia mais presa, não ia ser.

Maria Caironi | 09:56.989

Mais podada, né?

Êmy Virgínia | 09:58.692

E eu adoeci, não ia ser. Eu tive depressão.

Maria Caironi | 10:01.919

Sério? É porque...

Êmy Virgínia | 10:03.393

Eu sentia...

Maria Caironi | 10:04.354

Tu acabou não conseguindo criar muitas pontes, amizades lá dentro?

Êmy Virgínia | 10:09.178

Só com mulheres, né? Então, tinha uma grande amiga, que era a Artemis, né? E a Samanta. Mas o ambiente era muito acadêmico, no sentido de que... Não que eu não goste, eu sou leitora de ciência. Mas o ambiente era um ambiente em que a pessoa trans, a pessoa. LGBT, ter, ela é mais moldada,

Maria Caironi | 10:36.078

Vamos dizer assim,

Êmy Virgínia | 10:37.978

para que ele comportar, você tem que se comportar assim. Se fosse uma pessoa expansiva, né? Mas parece que quando você ali tem um corpo dissidente, ele

incomoda mais, né? Parece que o jeito de ser cientista é sempre o jeito com uma roupa, é sempre um corpo que não é dissidente, né? Por isso que é muito interessante a gente ter a Letícia, né, na Federal do Piauí, aquele próprio,

Êmy Virgínia | 11:07.830

que é trans e que se vê trans com a sua, né, com a sua expressão.

Maria Caironi | 11:12.995

Sua expressão.

Êmy Virgínia | 11:13.935

Faz aquele lugar estremecer. Então, eu sentia isso, eu me sentia muito sozinha, também, porque eu via poucas pessoas. LGBT ali, eu sei, pouquíssimas.

Maria Caironi | 11:25.244

Amy, pois é, Eu acho que uma das perguntas que eu acho que já tinha até aqui e eu já posso te fazer agora, nessa sua trajetória também acadêmica, Tu teve alguma professora trans ou realmente tu sentia que tu era pioneira?

Êmy Virgínia | 11:39.657

Não, não tive nenhuma professora trans. Quando eu trabalhava no Estado, nas escolas estaduais, tinha uma professora que eu não convivia com ela, eu a conhecia, que era a professora Luma,

Maria Caironi | 11:53.549

Luma Andrade.

Êmy Virgínia | 11:54.830

A Luma é lá da minha região. Ah, é? A Luma, Ela foi uma vez na escola onde eu trabalhava, Ela ocupava o cargo de Chefia lá das escolas da minha região, e ela foi uma vez. Então, a Luma era a única referência LGBT Trans que eu tinha dentro da escola.

Maria Caironi | 12:21.112

Do ambiente acadêmico, né?

Êmy Virgínia | 12:24.354

Então, quer dizer, era uma pessoa que já tinha feito a transição, que a Luma já foi. De transição, desde adolescente, viveu todos os martírios dessa transição, porque ela teve que sair de casa, mas, de maneira geral, a gente fez poucas. Eu encontrava nesses espaços poucas pessoas LGBTs dispostas a conversar sobre a sua identidade, dispostas a ser a sua identidade a falar disso abertamente. nossa,

Maria Caironi | 12:55.836

Sim, muita coragem, né?

Êmy Virgínia | 12:57.741

A se expressar dentro da sua naturalidade. Então, eu sempre via muita... Me sentia muito sozinha, tentando ser quem eu era e, de certo modo, sendo quem eu era. E conversando e falando do jeito que eu falo, desse jeito que eu estou falando agora, que parecia provocar um incômodo. Quando eu comecei a transição, aí é que esse incômodo se acentuou mais ainda. Porque aí, quando eu digo começar a transição, não, que eu já pintava as unhas, antes mesmo de começar a transição, Eu sempre fui muito menina e já fazia também, já me montava, já saía à noite montada, me reunia com as amigas, ah, já saí montada hoje.

Maria Caironi | 13:45.795

Ai, Que legal.

Êmy Virgínia | 13:47.136

Fazia isso facilmente. Mas a transição mesmo, de dizer, ah, eu vou começar a fazer cirurgias, né? Então, por exemplo, coloquei o peito. Muito, muito, assim, foi a primeira coisa que eu fiz, né? Então, quando aquele corpo trans, ele começou a se tornar ainda mais...

Maria Caironi | 14:06.711

Ainda mais trans.

Êmy Virgínia | 14:08.852

Aí, sim, é que aquele isolamento, Ele foi se acentuando. Mais ainda, né? Muito mais. Então, antes mesmo, no IFCE, antes mesmo da minha transição, a transição que eu falo mais adulta... De começar a terapia hormonal, que é colocar o silicone no cabelo, deixar o cabelo crescer mais ainda e fazer a transição das roupas. E começar,

Maria Caironi | 14:39.247

né? E nesse momento,

Êmy Virgínia | 14:41.688

pronto. Aí você sente o isolamento ainda ainda maior,

Maria Caironi | 14:46.050

né? porque... Tu sentiu que nessa época mais não binária, tu era mais aceita, mas depois, quando tu teve, tu se acentuou trans, mesmo travesti, aí tu acha que eu nunca fui Marinha? Uma aceitação nunca foi.

Êmy Virgínia | 15:03.328

Porque eu era uma pessoa diferente,

Maria Caironi | 15:06.090

né?

Êmy Virgínia | 15:06.211

Me vi como um menino gay, mas era um menino gay extremamente afeminado. Então, nunca foi uma aceitação. Eu dialogava, sobretudo com as meninas.

Maria Caironi | 15:15.877

Porque a aceitação vem mais para os gays, que são mais masculinos. As afeminadas realmente causam essa abrubitura, né?

Êmy Virgínia | 15:24.182

Então, depois, isso se torna ainda mais silencioso. Então, pelo menos você tinha... Oi, Se assim, assim, tal coisa. Depois se torna um silêncio, assim. E o que ninguém se comunica muito com você, Parece que há um medo, né? E o interessante é que, nesse processo da minha transição, eu tinha muito mais contato de apoio com os alunos, com os estudantes, que eram mais jovens, do que com os colegas. Os colegas eram basicamente... As minhas duas colegas de casa, que eram Samanta e ArtEmys, que eram duas professoras, que são minhas amigas, mesmo, que viram tudo aqui, porque já me conheciam em casa. Então, elas viam que, em casa, eu era muito mais livre do que era no campus. No campus, eu tentava vestir esse gesso pra tipo assim, não, vou aqui. Me manter assim pra tentar me comunicar um pouco mais. Mas eu sempre também me senti que, por exemplo, mesmo antes da minha demissão, que os meus horários de aula eram os mais, eram os menos confortáveis do grupo de professores, sabe? Então, tipo assim, ah, se tinha professor que ficava terça, quarta e quinta, ficava quarta, quinta e sexta, Eu sempre fiquei terça, quarta e quinta. Quinta e sexta, entendeu? Sempre tive horários... Eu nunca fui tratada como...

Maria Caironi | 17:01.320

Desfavorecidos, né? Sim,

Êmy Virgínia | 17:04.143

entendi. Eles também não se comunicavam muito comigo, e eu ia vivendo aquilo, conversando com Samanta e ArtEmys, mas... E deixava. Não seguia a minha vida, tô bem, tá tudo bem. Tô, mas até a minha demissão, que aí foi o... O auge, mesmo, que é quando eu realmente senti que eles queriam me expulsar, Aquilo já era uma montanha que já vinha há muito tempo, assim, já tinha notado discriminação nos horários, nos meus horários de aula, que eram sempre desconfortáveis, mas, e certas

coisas que eram cobradas de mim, Mas não tinha... Para outros professores, não tinha a mesma cobrança, então, reposição de aula, por exemplo, Tinha que fazer o protocolo no SEI, Enquanto outros professores só combinavam com a turma e faziam a reposição de bolsa, Eu tinha que protocolar a reposição no SEI, tinha que protocolar a assinatura. Então, para mim, tinha muitos mais protocolos. E hoje eu sinto, hoje, hoje eu sei, depois da minha demissão, Eu sei que existe, de maneira velada, que eu não posso errar de jeito nenhum.

Maria Caironi | 18:24.228

Tem que ser perfeita, né?

Êmy Virgínia | 18:26.089

Não é fraude. É no sentido de que eu tenho que seguir todos os protocolos. Eu não fui a primeira professora que antecipou aulas para fazer a disciplina de doutorado. Eu fui a primeira a ser demitida, por isso porque eu tenho certeza que porque eu sou uma pessoa. LGBTI, pior, né? Estou num lugar que é de um corpo que incomoda muito por ele estar. Ali, dentro, né? Sim. Então, hoje, eu sou uma conhecedora dos protocolos do IFCE, hoje. Porque eu sei... Eu sei que qualquer... Eu sei que eu corro perigo.

Maria Caironi | 19:05.007

Demais. Ai, meu, Deus.

Êmy Virgínia | 19:09.310

Maria, não se engane. Dentro do IFCE, tem pessoas que não fazem desse modo. Muitíssimos.

Maria Caironi | 19:16.474

Sim, que tem mais...

Êmy Virgínia | 19:17.694

Muitíssimos. Olha, tem tanta... Às vezes eu digo, não, eu fiz... Não, eu fiz assim, assim, assim. Aí a professora disse, não, não vou fazer assim, não. E não faz, não dá problema nenhum. Mas talvez se eu fizer, dê problema.

Maria Caironi | 19:31.619

Dê problema, sim.

Êmy Virgínia | 19:33.458

Dá problema, sabe? Então eu disse, não, vou cumprir os protocolos. Bem, Mas aí, quando eu entrei no IFC, eu senti a segurança financeira que eu precisava. E aí eu

me inseri de vez dentro desse lugar, como um corpo dissidente, como um corpo que eu queria ser.

Maria Caironi | 19:54.452

Que foi aprendendo a ser. É isso, O maior problema de tudo que eu vejo é justamente isso, A gente não tem referências, então, quando a gente chega a acessar esses espaços, nós sempre somos essas pioneiras, né? E sempre precisamos descobrir quem a gente vai ser ali dentro, né? Como a gente vai construir. Uma outra pergunta que eu constatei, que eu fiz aqui, né, construir, era Se tu tinha... Qual foi um dos maiores desafios, assim? Eu acho que tu já veio a tocar agora no assunto da demissão, que a Amy, pra contextualizar tudo, a Amy Tava no IFCE e quis fazer o seu doutorado, né, no Uruguai, E precisava de alguns dias pra poder fazer presencialmente, né? E acabou acontecendo uma perseguição, né? E... Na verdade, um veredito errado das coisas que aconteceram. Eu não sei se esse foi o teu maior desafio no teu caminho acadêmico, mas se for, eu quero que tu conte um pouco mais. Também foi,

Êmy Virgínia | 20:56.920

Porque assim eu me vi sem aquilo, eu não tenho, eu sei quem eu sou no sentido de que eu sei que ninguém vai segurar as pontas por mim, Sim. Então, eu me vi sem aquilo, que é a minha segurança, que é o meu salário, a minha autonomia financeira. Eu fui demitida, assim, eu não tinha mais salário. Então, tinham as economias, tinha um carro, que talvez dava, O quê? 60 mil, dava umas economias. Mas eu me vi sem... Ali foi o momento em que todo aquele projeto que foi se construindo com o tempo, de ser uma pessoa que... Acho que talvez seja um pouco egoísta, mas não é. De ser uma pessoa que não precisa de ninguém, do ponto de vista financeiro. Hoje, a minha família, me trata bem, minha mãe, me trata bem. Mas eu sei que eles não fariam nada por mim. Eu sei o que eu significo por ser uma pessoa trans, entendeu? Eu não sou desrespeitada. Então, eu vou lá, eles me tratam bem. Mas eu sei, Maria, o que eles fariam comigo. Se eu não fosse família, eu não seria uma pessoa com segurança financeira. Eu sei o quanto eles me... Eu não estou dizendo isso... Eu amo a minha mãe. Enfim. Mas eu sei que eu seria humilhada. Que eu seria...

Maria Caironi | 22:28.226

A gente sente os preços que a gente... Os preços que a gente paga por ser quem a gente é, né, amiga?

Êmy Virgínia | 22:36.053

Exatamente. A única pessoa, talvez, que... Talvez não. Com certeza que não faria isso comigo, era a minha irmã, a minha irmã é a pessoa, é a minha confidente da vida toda aí, que ótimo minha infância,

Maria Caironi | 22:51.327

Minha infância feminina tem vários irmãos, além dela?

Êmy Virgínia | 22:54.489

Eu tenho uma irmã e um irmão. Tu é do meio?

Maria Caironi | 22:58.753

não, tu é a caçula?

Êmy Virgínia | 23:01.996

Eu sou a caçula. Porque a vida toda eu estive conversando sobre quem eu era, mesmo antes da transição. Então, porque a minha irmã...

Maria Caironi | 23:13.287

Ai, que ótimo.

Êmy Virgínia | 23:14.528

Então, quando ela trazia a quadrilha, os vestidos pra casa, ela fazia eu experimentar os vestidos. Ela sempre foi essa pessoa que se reconhecia em mim, eu me reconhecia nela.

Maria Caironi | 23:26.512

Ai, que ótimo.

Êmy Virgínia | 23:27.393

Então, eu tenho muito boas memórias com a minha irmã de infância. Era ela quem dizia que eu ia brincar de Boneca e chegava perto de mim. Com Boneca e essa... Então, a única pessoa que eu sei que não me humilharia é a minha irmã. Os outros, eu tenho certeza. Então, quando eu perdi meu emprego, eu digo, meu, Deus, tudo que eu, Desde os 18 anos,

Maria Caironi | 23:51.402

estava afetada sobre isso,

Êmy Virgínia | 23:54.543

Agora eu não tenho mais nada. O que é que eu vou fazer? Tanto é, Maria, que eu fiz concurso durante o período da minha demissão.

Maria Caironi | 24:01.406

Sério?

Êmy Virgínia | 24:02.227

Eu fiz. Um mês depois, eu me inscrevi no concurso. E eu ia fazer concurso, porque aquilo ali era uma coisa que eu disse, não, tem que trabalhar, Eu sei que ninguém vai, ninguém vai me obrigar, né? Pelo contrário, vão ver passar na minha cara, vão dizer, olha aí, demitiram porque você é assim, porque você não se ajeita, né? Eu sei que seria isso, então, foi um momento mais difícil.

Maria Caironi | 24:28.755

Tu teve que criar suas armaduras, né, pra se proteger mesmo.

Êmy Virgínia | 24:34.700

De proteção, a minha segurança financeira, Ela é o... É igual. Um dia desse, eu vi uma entrevista com a... A menina que tá fazendo a Raquel em vale Tudo, Thaís Araújo. Ah, Thaís Araújo. Ela falando da escassez.

Maria Caironi | 24:50.439

Sim.

Êmy Virgínia | 24:50.859

Acho que até virou... Né? Ela dizendo que ainda tem medo da escassez.

Maria Caironi | 24:54.201

Sim, viralizou.

Êmy Virgínia | 24:55.622

Porque ela sabe qual é a cor dela, né? Então, eu tenho muito medo de não ter a mim mesma pra me amparar. E a mim mesma que eu digo. De não ter a segurança financeira pra dizer não. Ó. Eu tenho como adoecer, não, Eu tenho um plano de saúde, ninguém vai precisar cuidar de mim. Eu tenho como pagar uma pessoa pra cuidar de mim, porque eu me sinto sinceramente, eu me sinto uma pessoa claro, Hoje eu tenho um companheiro que já tá comigo há algum tempo, já tem dois anos, já tem dois anos, ele é um companheiro realmente, Mas, mesmo assim, eu fui educada espiritualmente por ser uma pessoa diferente, por ser uma pessoa LGBT pra me sentir sozinha, sozinha. Então, eu digo pra ele, ele é uma pessoa incrível comigo, uma pessoa que diz que me ama, mas eu sei, Eu sei que ele esteve comigo. Durante o período da demissão, ele segurou as pontas do supermercado e tudo, mas eu me sinto sozinha.

Maria Caironi | 25:54.480

Hoje em dia vocês moram juntos, né? Vocês dividem as contas juntos

Êmy Virgínia | 26:04.362

A gente mora, a gente divide as contas durante o período da demissão, disse, não, Eu seguro as contas aqui, supermercado, mas isso não impede o meu sentimento de mim, para mim mesma, de solidão, de uma pessoa que ou vai contar comigo mesma ou com ninguém. É uma coisa que foi se construindo durante a minha vida inteira. Logo eu acho que já na minha adolescência, pré-adolescência eu sabia que eu não seria Tchou. Amparada, por ser quem eu sou. Amparada no sentido de que, não, olha, eu, logo assim, as experiências de pessoas trans que tinham na minha cidade, na minha comunidade, eram sempre experiências de humilhação, de ridicularização, de demonização. Minha mãe é evangélica, minha avó. Então, eu fui criada com esse sentimento de solidão, de que eu tenho... Não, não tem que me... Não é que eu não me sinta sem família. Eu vou na casa da minha mãe, A gente se trata bem. Mas o sentimento que foi escrito na minha cabeça é de que eu sou a pessoa que vai segurar as pontas, as minhas pontas. De que eu não serei, por ser uma pessoa trans, abraçada da mesma forma, como... Se eu não fosse uma pessoa Trans. Isso tudo foi fazendo com que eu fosse essa pessoa que me preocupa com segurança financeira.

Maria Caironi | 27:38.436

Que ótimo. Assim, é os males que vêm pro bem, né? Porque, na verdade, todo mundo deveria se preocupar, né?

Êmy Virgínia | 27:44.341

Eu tô sempre pensando, ah, isso aqui eu vou guardar pra isso aqui, Isso aqui vai ser depois. Não, isso aqui, nós não vamos gastar. Bruno, Isso aqui não vai. Vamos gastar com isso aqui. Porque é meio que eu fui domesticada, mesmo pra pensar que eu não tenho.

Maria Caironi | 28:01.150

E que é você por você, né? E aí é isso mesmo. Eu também sinto um pouco dessa solidão, dessa solidão, sabe? Eu acho que todos os corpos trans meio que sentem também isso, né, Amy? Enfim, Outra pergunta que eu tenho para te fazer. Também é se teve algum momento especial ou então marcante na tua jornada que tu gostaria de compartilhar com a gente. Se foi, na verdade, tu vencer, Não sei, né? Enfim, fala.

Êmy Virgínia | 28:28.125

Como eu fui demitida? Eu imaginei que eu seria demitida e que esse caso ia ser só mais uma demissão. Tipo assim, não ia dar em nada.

Maria Caironi | 28:40.156

Sim.

Êmy Virgínia | 28:41.277

E eu acho que a grande alegria foi quando eu vi alunos e ex-alunos meus se organizando.

Maria Caironi | 28:50.023

Teve uma mobilização mesmo, né?

Êmy Virgínia | 28:53.225

Foi uma mobilização. Foi muito incrível. Eu nunca imaginei. Porque a gente convive com os alunos. Eu sou uma pessoa, uma professora, que hoje eu me entendo muito nessa vocação de professora. Então, a gente tem uma humanidade, muito também por eu ser uma pessoa. LGBT, de compreender as diferenças, de compreender as condições com as quais cada um chega. Mas você vai tratando as pessoas do seu jeito, mas você não imagina que ali você está ganhando... Quantidade enorme de amigos e amigas.

Maria Caironi | 29:32.648

Te surpreendeu? Quando eu vi aquilo,

Êmy Virgínia | 29:36.935

eu percebi, nossa, eu estive a minha vida inteira. Alunos de quando eu era ainda professora do Estado, né? Sim. Alunos da minha vida inteira se mobilizando, de modo, Maria, que teve a jornalista do sindicato, do ISE, ela que ficou cuidando dessa campanha, Ela tinha um grupo de WhatsApp de muitos alunos.

Maria Caironi | 30:03.162

Incrível.

Êmy Virgínia | 30:04.723

E esses meninos ficavam compartilhando. Aquilo foi uma coisa tão bonita quando a Julita me falava: Olha, seus alunos, eles adoram você.

Maria Caironi | 30:22.607

Não que eu não me sentisse uma pessoa, eu sei que eles gostavam de mim, mas eu não sabia que era tanto. Ao ponto de realmente as pessoas tirarem o tempo dos seus dias pra poder,

Êmy Virgínia | 30:33.250

Eles disseram que ficaram não sei se era no TikTok nem no TikTok. Eu tenho ainda uma influência que hoje eu sigo, que é a Andressa, eu não sei. O sobrenome, se é cat, que hoje ela tá com o Rick, a menina, Eles ficaram no Instagram, Olha, professora, aí, me faça um vídeo. Ela fez um vídeo, ela fez um vídeo, assim que eu

fui demitida. Esse vídeo viralizou e chegou no mídia ninja. Eu sei que esses meninos atormentaram Deus e o mundo e achei aquilo, assim, aí nessa hora, o meu coração, ali, eu já tinha, Se não tivesse sido anulada a minha demissão, eu já tinha, eu já estava muito feliz, muito feliz.

Maria Caironi | 31:21.771

Toda a mobilização mesmo, pela união das pessoas naquele momento, né, porque vieram pessoas de todo lugar, não foi, Emy? Foi realmente, assim, Uma coisa que aconteceu, foi uma visualização nacional, até Internacional também, Eu acho, né?

Êmy Virgínia | 31:35.979

Olha, Maria... Os meus alunos lá da minha cidade, do interior, que tinham sido meus alunos lá, entendeu? Se mobilizando. Quer dizer, eles viram a impressão que eu tinha, que eles viam, que aquilo era uma injustiça, mesmo, porque não tinha... E aí, aquilo foi... Acho que foi um momento também... Foi, com certeza, o momento mais feliz de... Que eu vivi, assim, Quando eu vi aquela mobilização, que eu disse, gente, eu nem acreditava, a gente que mudou do meu Instagram, Maria, Durante esse período da demissão, foi a jornalista do sindicato. E eu nem acreditava, ela me contava, Emy, está acontecendo isso assim, assim, A gente está postando, já sai no mídia ninja. Ela, quem fazia, a minha senha do Instagram ficou tudo com ela, e ela ficava organizando tudo.

Maria Caironi | 32:33.588

Sério?

Êmy Virgínia | 32:34.567

Eu vi aquilo crescendo. Causa dos estudantes, porque os estudantes é quem realmente compartilhar. Claro, teve colegas, professores? Teve, muitos colegas, mas é incomparável com a quantidade de estudantes que foram mobilizando sua família, outros colegas, e foram mobilizando. E aquilo foi ganhando uma... Então, aquilo foi muito bonito, assim. Eu senti naquele momento que o meu trabalho como professora e a minha... O meu jeito de ser, a minha verdade, o meu jeito verdadeiro de ser.

Maria Caironi | 33:11.360

Sempre foi transparente, né?

Êmy Virgínia | 33:13.541

Sem amarras, sem querer me comportar como uma professora de uma instituição federal.

Maria Caironi | 33:21.886

Ou se gabar por isso, né? Sim, demais. Era aquilo,

Êmy Virgínia | 33:26.609

né? Era aquilo. Então, a minha... A minha humanidade comovia aquelas pessoas e eu me senti abraçada, né? Nesse sentido, parece que toda aquela minha solidão, de algum modo, Ela se desfez naquele momento, porque eu me senti abraçada, muito abraçada, né? Então,

Maria Caironi | 33:53.021

Esse foi o momento mais especial, né? Com certeza, né? E, na verdade, Emy, tu podia, sim, sair para poder fazer esse doutorado, né? As alegações que fizeram contigo foram que você não poderia, né, na verdade.

Êmy Virgínia | 34:07.041

Sim. Maria, Diversos outros professores antecipavam aula para cursar doutorado. Diversos. E eu saí pouquíssimas vezes. Eu saí só quatro vezes. E as minhas saídas eram saídas de quatro semanas. Mas todas as aulas foram repostas. Todas. Eu não deixei de dar uma carga horária. Uma sequer. Eu fui demitida porque... Eles diziam que, pelos protocolos, pelo protocolo, eu tinha que protocolar um pedido de autorização para me afastar do campus por quatro semanas. Mesmo eu repondo todas as aulas. Gente, mas a professora fez o trabalho dela. As aulas estão registradas, as provas. Nós, na época da demissão, nós recolhemos os cadernos dos alunos. Os alunos tinham todas as anotações de aula, de reposição.

Maria Caironi | 35:01.462

Ah, tu teve que ir atrás de provar, mesmo que tu tinha repostas as aulas.

Êmy Virgínia | 35:05.844

Sim.

Maria Caironi | 35:06.145

Aconteceu tudo isso.

Êmy Virgínia | 35:07.465

Nós apresentamos todos esses alunos. Gente, a gente vai precisar do caderno de vocês. E aí a gente reuniu vários cadernos, mostrando que não eram vários, porque tinham muitos, mas a gente não podia apresentar também todos os cadernos. Mas, de cada disciplina, a gente apresentou dois ou três cadernos, mostrando aula por aula. Cargo, horário, as datas, né? Então, havia, era só um protocolo, quer dizer, eu fui demitido por causa de um, O trabalho foi feito, mas, ah, não, Você tinha que ter

pedido autorização pra sair, pra repor, né? Diversos professores repõem aulas sem nem protocolar nada, não sei, só diz, gente, ó, vou repor essa aula de tal, é tal hora.

Maria Caironi | 35:53.215

Sim.

Êmy Virgínia | 35:54.535

Quer dizer... Isso era natural, eu nem imaginava que eu estava fazendo uma coisa errada. O que outras pessoas faziam, Eu só me ausentava, e antes de sair, ou quando eu voltava, eu fazia reposição.

Maria Caironi | 36:06.218

Reposição, Então estava tudo certo, né?

Êmy Virgínia | 36:10.020

E tudo ficou provado de que as aulas foram repostas, de que não houve nenhuma...

Maria Caironi | 36:15.205

E aí eu acho que, por conta de toda a movimentação e a mobilização, por causa de todo o burburinho, mesmo, o rebuliço que todo mundo fez, né? Aí voltou atrás.

Êmy Virgínia | 36:36.198

A gente apresentou provas à CGU de que as aulas tinham sido dadas. A gente apresentou vários cadernos. Aí foi a CGU, que é o órgão lá de Brasília, que manda, vamos dizer, todas as corregedorias do IFCE, foi a CGU que anulou. O que a CGU disse foi o seguinte: Essa professora cometeu um erro, sim, o segundo protocolo. Ela deveria ter protocolado os pedidos de reposição, mas esse erro não é para demissão, O que a CGU fez foi isso. Olha, isso não é uma coisa para demissão. Ou seja, eu disse isso claramente. Olha, isso não é demissão. Essa professora poderia ter recebido uma advertência, ela poderia ter... Recebido uma suspensão, mas não porque era a Maria, era uma vontade de me demitir mesmo.

Maria Caironi | 37:30.890

Então, aí que você sentiu, isso era uma transfobia mesmo, né? amiga? Era escancarado.

Êmy Virgínia | 37:37.532

O corpo dissidente dali, porque eles poderiam ter aplicado uma advertência, que era o que a CGU recomendou. Mas o professor pode ser advertido. Não existe só demissão. Ele pode ser advertido.

Maria Caironi | 37:51.536

Tem que ter uma conversa antes, né? Tem que ter um tato, Não é assim que se trata, né?

Êmy Virgínia | 37:56.659

Eu não respondi nada, não tinha nada. E aí, a CGU... Aí, quando a CGU disse, olha, isso aqui não é caso de demissão. Inclusive, a professora provou que deu todas as aulas. Ela só não cumpriu o protocolo. Então, ou aplica a advertência ou aplica a suspensão. Só que, quando não aplicaram mais a advertência, por quê? Porque já tinha passado... A advertência deve ser aplicada em até dois anos do acontecimento. Quando eu fui demitida, eu já estava com três anos, O processo era de quatro anos. Então, não podia mais aplicar a advertência. Mas o que a CGU disse, olha, pelo amor de Deus, não é Maria, que a CGU decidiu isso. Eu fui demitida em janeiro e a anulação foi em março. Foi uma decisão em tempo recorde da CGU, porque não havia... Nenhum indício que dissesse, Isso aqui é caso para demissão.

Maria Caironi | 38:53.393

Sim.

Êmy Virgínia | 38:54.133

Era óbvio que não era caso para demissão, né? Inclusive, durante o processo, o processo durou quatro anos, Eu esperava que eu ia ser punida. Ou eu ia ser punida por uma advertência, que você pode receber uma advertência lá, você pode receber até três advertências.

Maria Caironi | 39:10.278

Sim. Como toda instituição, né? Você tem que ter umas três advertências pra você realmente ser expulsa, né?

Êmy Virgínia | 39:17.320

Sim. Eu esperava algum tipo de punição, mas nunca demissão. Quando saiu a demissão de gente...

Maria Caironi | 39:23.625

Como assim?

Êmy Virgínia | 39:25.766

É uma vontade mesmo de demitir, de colocar por fora. E tudo isso muito tramado ali, no âmbito do campus onde eu trabalhava, que era esse campus de Tianguá. Então, Ali. Eu compreendi que aquelas pessoas, aquele silêncio que aquelas pessoas tinham comigo, era ódio. Era ódio. Elas não manifestavam ódio...

Maria Caironi | 39:50.997

Daquela forma comum, né? Que é xingando. Mas era...

Êmy Virgínia | 39:56.161

Era silencioso. Elas tinham um ódio de mim, um ódio da minha presença, da minha verdade,

Maria Caironi | 40:04.345

do meu, sim.

Êmy Virgínia | 40:05.285

Então, aquele silêncio todo dela, aquela pouca comunicação comigo, o jeito como eles me tratavam, aí eu entendi, bem, é ódio mesmo, é um ódio velado, uma transfobia, né?

Maria Caironi | 40:19.837

Sim, amiga, demais. Um ódio,

Êmy Virgínia | 40:22.381

uma opressão de pessoas trans.

Maria Caironi | 40:25.182

Fico muito feliz que deu tudo certo no final, né, que você conseguiu realmente provar que você tava certa mesmo? E que era um absurdo o que estava acontecendo e que hoje nós, pelo menos, não só eu. E como todas as pessoas trans, a gente claramente constatou que realmente tinha sido uma transfobia, mesmo com você. E a gente sabia que aquela forma que eles estavam tratando não era a forma, né, mais educada e mais formal, mesmo de se tratar.

Êmy Virgínia | 40:53.934

Eu vi esses dias uma influência trans, Eu não sei se você viu, Ela foi agredida dentro do prédio dela. Ela marcou um encontro casual. E aí ela mandou o rapaz ir embora, quis, enfim. E o rapaz agrediu ela dentro do prédio. Você viu esse caso?

Maria Caironi | 41:11.244

Não.

Êmy Virgínia | 41:12.785

O que foi que as pessoas de dentro do condomínio fizeram? Tiraram o rapaz. Ele agrediu graficamente a menina. E tiraram o rapaz e só colocaram ele pra fora. Ou seja, não chamaram a polícia.

Maria Caironi | 41:26.236

A polícia, né?

Êmy Virgínia | 41:28.496

Quer dizer, é tipo assim, quando é uma pessoa trans, ela vai ser tratada de uma maneira...

Maria Caironi | 41:36.058

Como se a gente nunca tivesse direito a nada, né? Os direitos parecem que nunca servem para as outras pessoas, mas não servem pra gente, né?

Êmy Virgínia | 41:43.700

Exatamente. Quer dizer, Se fosse uma mulher, cis, Esse rapaz teria sido imobilizado.

Maria Caironi | 41:49.102

Com certeza, chamar a polícia.

Êmy Virgínia | 41:53.086

Mas não, era uma pessoa trans, então tiraram ele de cima dela, que ele estava agredindo, ela, e só colocaram ele para fora, deixaram ele ir embora, né?

Maria Caironi | 42:03.112

Demais, nossa, não acredito. É revoltante, né?

Êmy Virgínia | 42:09.435

A postagem era muito no sentido de vitimizar essa pessoa de novo, dizendo, mulher, por que você marcou o encontro? Sim,

Maria Caironi | 42:17.961

não, só querendo colocar como se a culpa fosse dela, né?

Êmy Virgínia | 42:22.162

Mas ia embora. Ela não quis,

Maria Caironi | 42:25.165

ela mandou ele embora. Ela tem o direito, né? A propriedade privada dela, enfim.

Êmy Virgínia | 42:30.428

Então, é tipo assim, é sempre como se o acerto pra outras pessoas, mas quando você é que faz,

Maria Caironi | 42:39.794

É como se também fosse justificável o que fizessem com a gente, os erros que cometem com a gente, mas a gente tem que ser perfeito, a gente não pode errar, a gente não pode, né? Dá um deslize, A gente sempre tem que... É como você disse no começo da entrevista, que você sempre soube que tinha que provar sempre a mais do que as outras pessoas. É a mesma sensação que eu sinto também, Amy. Eu queria te perguntar também qual conselhos você daria para os estudantes que estão

passando por desafios semelhantes dentro da escola? Pessoas trans, pessoas LGBT. Pessoas trans, LGBT, no geral, que sofrem esse tipo de preconceito.

Êmy Virgínia | 43:22.811

É, Eu sempre que eu converso, eu tenho, Além da Alice, eu tive uma outra aluna trans, a Yasmin, E o que eu sempre digo muito é, acredite, na sua formação, na sua formação profissional, na sua formação, Eu não sei, eu acho que é muito eu, assim, no sentido de dizer, olha... Independente de qualquer coisa, tenha a sua profissão, o seu fazer, o que você quer fazer, O que você sente que você faz bem, e faça disso? O seu sustentável, faça disso a sua autonomia. Eu sempre acreditei na educação, na minha formação profissional. Eu sempre fui... Uma pessoa que eu sabia que eu tenho uma coisa que talvez eu saiba fazer bem e que eu vou investir nessa coisa. E eu vou fazer dessa coisa. Os caminhos. De funga dessa sociedade transfóbica, eu acho que pra gente o conselho seria esse estude estude. E você tem talento, encontre o seu talento, encontre. O que é que você gosta de fazer, que você sente que você faz bem e vá se aprimorando? Estude muito, seja uma pessoa melhor no que você faz. É melhor não é no sentido de ganhar prêmio, mas no sentido de você se sentir satisfeito com o que você faz. E faça disso as suas saídas para todas as coisas, né? Para discriminação, para humilhação. Eu acho que toda pessoa LGBT, Ela nasce com muito talento, com uma coisa... Eu tenho muitos amigos LGBT, eu não conheço nenhum. Na verdade, todas as pessoas têm talentos.

Maria Caironi | 45:32.340

Não existe ninguém que não tenha, né?

Êmy Virgínia | 45:35.142

Muitas pessoas têm uma coisa que elas fazem muito bem. Então, eu digo muito, invista muito na... De certo modo, é investir em você. Investir na sua construção, no seu ser no mundo. E esqueça, voe. Voe sobre esses leões. Esqueça os leões. Não diga... Não aceite que os outros lhe diminuam. Acredite no que você faz, no seu talento. E invista nele. E faça dele as saídas.

Maria Caironi | 46:08.522

Sim, demais. Eu também me sinto assim. Eu vou levar pra mim. Esse conselho também. Porque é isso que eu tô tentando. É muito difícil a gente conseguir chegar e conseguir realmente se formar. A gente sabe o quanto é difícil. Quantas barreiras as pessoas... A gente tem, né, na verdade, no caminho acadêmico, mesmo, por ser trans, mesmo, A gente sabe como é diferente, né? Sempre vai sendo diferente, né?

E esse conselho, assim, pra mim é ótimo, né? E eu, com certeza vou seguir, porque a gente sabe que é o caminho que a gente tem mesmo.

Êmy Virgínia | 46:40.411

Você é uma potência.

Maria Caironi | 46:43.092

Amiga, você é uma inspiração pra gente, assim, pra todo mundo, porque depois desse caso, o quanto repercutiu, e o quanto. Foi incrível acompanhar toda a trajetória. O quanto você foi forte, o quanto você foi uma mulher, assim, guerreira, mesmo, pra ir atrás dos seus direitos, como um ser humano, como qualquer pessoa, né?

Êmy Virgínia | 47:02.308

E outra coisa, Nelly, olha, Minha trajetória acadêmica, Ela não é uma trajetória linear, nem uma trajetória assim, nossa, é uma trajetória de construção. Eu fiz faculdade trabalhando nesse semestre que eu fiz. Eu estava cansada, eu fiz duas... Duas, três disciplinas.

Maria Caironi | 47:20.683

Só para realmente conseguir, né?

Êmy Virgínia | 47:22.683

Eu não fui uma pessoa... Você também cansa, mas você não deixa de acreditar.

Maria Caironi | 47:27.385

Demais.

Êmy Virgínia | 47:28.146

Aí, no outro semestre, você compensa, mas eu nunca deixei de acreditar de que eu conseguiria ter a minha segurança financeira. Quer dizer, eu fui fazer mestrado dois anos depois do que eu tinha terminado. A graduação. Sim. Eu entrei no doutorado em 2019, quer dizer... Quatro anos depois, normalmente as trajetórias acadêmicas, Elas são assim, Você sai da graduação, entra no mestrado.

Maria Caironi | 47:54.567

E ela vai.

Êmy Virgínia | 47:57.207

É você, você que faz a sua trajetória, vai fazendo, vai acreditando. Então você vai, durante o mestrado, você vive momentos também de pensar, meu, Deus, Será que isso aqui vai dar certo? Será que isso aqui vai significar algum emprego? melhor? Será que eu estou fazendo isso daqui por nada? Mas não é a trajetória, não é a trajetória assim,

Maria Caironi | 48:20.701

né? Que foi só isso. Sai da graduação,

Êmy Virgínia | 48:22.302

entrou no mestrado.

Maria Caironi | 48:22.844

E pronto, e um atrás do outro, né?

Êmy Virgínia | 48:24.765

No, doutorado. Sim,

Maria Caironi | 48:27.086

Acredito demais. Amiga, demais, assim. Eu acho que a tua experiência e o que você passou foi algo muito triste, mas ajudou também a gente a abrir os nossos olhos, né? Pro quanto que o mundo ainda precisa estar mudando e quanto ainda falta... As pessoas realmente entenderem que nós podemos, sim, ocupar os lugares e os espaços, né, de forma de poder, mesmo, né, como pessoas que estão ali para serem vistas e ouvidas, né. A gente sabe que ainda o mundo, ele tá engatinhando aí, né. E essa minha pesquisa? Eu sinto que ela é muito boa, porque eu vou chamando meio que as pioneiras, mesmo. Todas nós, assim, ainda somos pioneiras. Eu vou ser a primeira pessoa trans a me formar, assim. Na verdade, ainda teve uma menina trans que se formou antes de mim, a Liz, né? E eu vou ser uma das primeiras também. Nós somos pioneiras, né? No nosso espaço. Sim.

Êmy Virgínia | 49:19.607

Não é só a primeira,

Maria Caironi | 49:23.751

A pioneira não é só a primeira. A primeira, sim. São todas as primeiras que vêm, né?

Êmy Virgínia | 49:26.493

É porque uma se formou, que os problemas acabaram.

Maria Caironi | 49:30.018

Sim, A gente ainda tem muitos problemas ainda pra enfrentar, né? Demais, amiga

Êmy Virgínia | 49:36.973

Uma coisa natural,

Maria Caironi | 49:40.114

né? Demais, sim. Uma última pergunta que eu queria te fazer é como que a tua experiência pessoal ajudou a moldar a sua abordagem como professora? Como que tu viu que, por você ser trans, você tinha uma didática ímpar?

Êmy Virgínia | 49:56.841

Eu acho que o fato de eu ser uma pessoa trans me molda... Completamente enquanto professora. Eu acho que eu não seria a professora que eu sou, se eu não fosse uma pessoa trans. No sentido de que, primeiro, é que o simples fato de eu conviver com, semestralmente, eu convivo com talvez, Pelo menos, são... Talvez todo semestre, no S1, eu convivo com mais 100 pessoas novas. Tem pessoas do curso técnico, mais 30 do curso integrado, pessoas novas. E essas pessoas, para muitas delas, Eu sou a primeira pessoa trans. Então, enquanto professora, essa convivência com uma pessoa trans, ela... Ela me molda enquanto professora, porque eu me sinto na responsabilidade de, antes de ser professora de conteúdo, ser professora da minha existência, dizer da minha existência. Estar ali com eles é, Para muitos deles, uma experiência que eles nunca,

Maria Caironi | 51:18.023

Boa parte deles nunca viveram.

Êmy Virgínia | 51:20.305

Porque as pessoas trans são destinadas, novamente, a... Ao isolamento, a serem escondidas, As meninas que se prostituem só saem à noite. Então, A minha vivência como professora é ensinar a minha existência, dizer da minha existência. Olha, eu sou aqui uma professora que chega com as obras e que transita por esse espaço. Ou seja, naturalizar a minha existência. Naturalizar, dizer, olha, eu existo e a minha experiência, Ela é uma experiência humana, Como é a experiência de você. E para uma outra coisa, é que a minha vivência, como professora e sendo uma pessoa trans, eu convivo muito melhor com a diferença. Com a diferença intelectual. Existem alunos que têm... Uma facilidade com certos conteúdos e não tem com os outros. As diferenças estéticas, as diferenças corporais, as diferenças...

Maria Caironi | 52:30.452

Te chamam mais atenção, né? Te colocam num lugar de mais...

Êmy Virgínia | 52:34.993

Eu tô compreendo a diferença, Eu tô compreendo muito melhor a diferença. Eu tô me compreendo como diferença. Então, hoje, muitas vezes, a gente tem essa tendência a pensar, não, Isso daqui vale pra todo mundo. Não, não vale. Cada pessoa é um mistério, é um desafio. Então, eu compreendo muito melhor isso. Então, hoje, eu sou uma pessoa que eu nunca pensei, por exemplo, que Fulano não está indo bem na

minha disciplina porque ele não quer, ou porque ele, sei lá, não gosta de mim, mas por uma diferença. Diferença no sentido de... Existe um outro modo de aprender.

Maria Caironi | 53:20.262

Uma outra didática, né?

Êmy Virgínia | 53:21.843

De olhar. Então, a minha experiência como pessoa trans, ela molda completamente a minha experiência como professora. Porque eu entendo todos os meus alunos como diferentes. E é uma coisa, inclusive, assim, Eu estava conversando com a Val, Está todo mundo em transição. Se for para a minha transição, talvez seja a transição que todo mundo vê. Mas está todo mundo em transição, em transição de pensamento. Está todo mundo, de algum modo, que bom, porque todo mundo tem que transicionar nessa vida. Todo mundo tem que viver a transição.

Maria Caironi | 53:55.812

Na dança...

Êmy Virgínia | 53:56.692

É necessariamente a transição de gênero.

Maria Caironi | 53:58.434

Demais! Na dança...

Êmy Virgínia | 53:59.755

É necessariamente a transição.

Maria Caironi | 54:00.994

Na dança, Amy, a gente aprende...

Êmy Virgínia | 54:04.316

Todo mundo transicionando. É demais. Só a reencarnação.

Maria Caironi | 54:07.098

Estou comendo, mais isso, estou comendo, mais isso. Na dança, uma das primeiras coisas que a gente aprende é justamente isso. É que a dança, a gente, nós, na verdade, mesmo quando estamos dormindo, nós estamos dançando. Nós estamos sempre dançando, porque o nosso corpo sempre está em movimento. E a gente sempre vai aprendendo novas coisas e vai entendendo novas pessoas e escolhendo também quem a gente quer ser, né? O que a gente quer ser para o outro, né? Quem a gente quer ajudar, quem a gente quer próximo, né? Enfim. Emy, para finalizar aqui nossa entrevista, eu vou te perguntar, o que é que tu espera do futuro, assim, tanto na tua carreira quanto na tua trajetória de vida, assim?

Êmy Virgínia | 54:51.199

É, Eu sou uma pessoa feliz, no sentido de que eu sou satisfeita com o que eu tenho hoje. Eu não tenho mais... Na verdade, nunca foi isso, mas eu não sou... Eu não penso mais que eu vá para algum lugar muito, sei lá, Eu penso que eu vou trabalhar o resto da minha vida como professora. O que eu quero fazer dessa experiência, experiência prazerosa dentro do que eu posso. Fazer dessa experiência. Eu sou uma pessoa muito mais... Eu acho que eu sempre fui, mas só hoje demais. Muito mais querendo fazer a felicidade no meu dia de hoje. Não sei se eu... Eu não penso muito...

Maria Caironi | 55:34.376

A longo prazo.

Êmy Virgínia | 55:37.278

Por exemplo... Nesse período da minha demissão, não sei o quê, e você tem que se candidatar à reitora. Não é uma coisa que eu anule, mas também não é uma coisa que eu pense sobre, entendeu? Que eu, tipo assim, aí...

Maria Caironi | 55:50.814

Precisa ter o desejo, né? Pra gente ir atrás das coisas que a gente quer. Precisa que tenha o desejo, né?

Êmy Virgínia | 56:00.678

Maria, repita aí, cortou um pouquinho.

Maria Caironi | 56:02.640

Pronto, precisa que tenha o desejo, né? Pra gente ir atrás. Talvez desse momento não era o desejo de você querer ser reitora, né? Acho que respeitar também o que a gente quer pra gente também é tão importante quanto, né? Sim.

Êmy Virgínia | 56:15.425

É, eu... Tipo assim, Eu acho que eu vou sempre ser professora. Eu acho que eu sou feliz também nesse processo. Eu sou muito feliz dando aula. Eu gosto de dar aula, eu gosto de conviver, eu gosto de conversar. Então, se for só isso, Eu estou satisfeítíssima.

Maria Caironi | 56:33.121

Ai, amiga, que feliz.

Êmy Virgínia | 56:34.502

Minha vontade de ser hoje é muito pequena, no sentido de que eu quero, por exemplo, Eu quero fazer mais exercício físico, porque eu quero ter velhice, eu quero chegar à Velhice bem. Eu quero, eu quero diminuir o açúcar, então as minhas, minhas

pequenas assim, Eu quero tirar mais tempo pra voltar a ler literatura que eu tô lendo menos, então eu quero voltar a assistir mais coisas interessantes. É mais. Eu acho que aproveitar mais da vida no simplório mesmo dela naquilo que tu gosta cotidiana, sendo mais feliz. Eu sou muito feliz com a minha vida cotidiana.

Maria Caironi | 57:19.984

Que bom, amiga.

Êmy Virgínia | 57:22.286

Eu fico a mim no cinto. Nossa, eu fico muito feliz. Talvez meus projetos é mais mesmo nesse, de me preparar para uma velhice saudável.

Maria Caironi | 57:36.613

Que bom.

Êmy Virgínia | 57:39.175

É claro que eu quero, Eu participo muito de questões relacionadas a, por exemplo, Eu me engajo na defesa de pessoas trans. Agora, teve esse parecer aí do Conselho Federal de Medicina. Eu me engajo na internet.

Maria Caironi | 57:54.749

A gente está passando por uma onda bem fascista, bem de extrema direita, né? Sim.

Êmy Virgínia | 58:00.290

Eu falo em sala de aula, eu me engajo. Eu também me preocupo com questões relacionadas à natureza. Sou muito floresta, muito bicho, muito indígena. Mas as minhas vontades de ser é bem essa coisa cotidiana, mesmo. De conversar, mais, de fazer mais exercícios, ter mais contato com a natureza.

Maria Caironi | 58:24.078

E aí, assim... Cada vez ser mais humano mesmo, né, amiga?

Êmy Virgínia | 58:29.000

É o que faz a vida mesmo. Porque eu já me sinto muito satisfeita, muito satisfeita com as representações trans que eu tenho. Erikah Hilton, Eu acho...

Maria Caironi | 58:39.564

Nossa, incrível. A Duda Salabate, né?

Êmy Virgínia | 58:44.482

Eu já sou muito satisfeita, satisfeitíssima com as representações trans que eu tenho. E aí eu até algumas pessoas já me disseram por que você não posta mais

Maria Caironi | 58:57.093

sobre pessoas? Trans, Gente,

Êmy Virgínia | 59:00.136

eu já tenho. Eu posso repostar várias pessoas que eu sinto, que vão dizer muito melhor do que eu digo, que eu me sinto muito bem representada. Claro, eu quero mais, eu quero mais, eu quero mais. Erikah Hilton, mais. Mas essas pessoas já dizem muito do que eu quero dizer.

Maria Caironi | 59:22.410

E são tão corajosas, né, amiga? Eu sinto que elas são mulheres tão corajosas. Fico imaginando quanta coragem a Erikah Hilton tem pra estar naquele lugar. Porque é um lugar tóxico, né? O nosso lugar, assim, do ambiente da academia, já é tóxico pra gente. Imagina aquele lugar que precisa lutar pela fala, né, por tudo. Para ser reconhecida, para ser vista. Mas a gente sabe que ela está fazendo um trabalho incrível. Espero que ela venha a ser presidenta também.

Êmy Virgínia | 59:49.658

Eu acho que eu fico... Um desejo, sim, um desejo grande mesmo de... Eu queria mais investimento em educação.

Maria Caironi | 59:59.990

Mais investimento em educação. Sim. Ai, que bom.

Êmy Virgínia | 60:04.773

Tipo, esse almoço. Eu acredito muito na educação. Acho que todo mundo que está na escola deveria ter bolsa, deveria ter amparo, deveria ter dormitório, deveria ter comida. Eu sei quantos nossos alunos chegam nos campos de interior, que não tem restaurante universitário. E às vezes tem que ficar amanhã e tarde. Não tem. Tem que comprar almoço, entendeu? Sim. Então, meu desejo, meu grande desejo...

Maria Caironi | 60:31.050

No futuro,

Êmy Virgínia | 60:32.410

né? Que a gente tenha um par os estudantes e dê condições para os estudantes estudarem.

Maria Caironi | 60:38.193

Sim.

Êmy Virgínia | 60:38.474

Estudarem mesmo, né? Então, ter comida, ter dormitório, ter residência para os estudantes, ter acesso a computador. Não tem notebook, gente. Digitam trabalhos no celular.

Maria Caironi | 60:48.842

No celular. Pois é. Ai, amiga, demais.

Êmy Virgínia | 60:52.144

Eu já estou aqui. Eu estou muito revoltada com o investimento em educação. Você vê esses jogadores de futebol,

Maria Caironi | 60:59.969

Gente, ganham um milhão por mês.

Êmy Virgínia | 61:02.811

Não abrem uma escola, uma escola. Não abrem um programa de bolsas. Você vai financiar a educação de 10 alunos. Cada um deles, 10 alunos. É nada para um jogador.

Maria Caironi | 61:15.822

Demais.

Êmy Virgínia | 61:16.703

Meu desejo de mundo talvez seria esse mesmo. Mais educação, mais investimento em educação. A gente tem sofrido tanto.

Maria Caironi | 61:25.910

Sim. Parece que as coisas vão piorando, né? É meio desestimulante, né? Inclusive, a Alice, mesmo, eu estava conversando com a Alice, esses dias, Ela estava muito triste, que não tinha bolsa para ela, e ela não sabia como ia se manter aí em Baturité. E eu fiquei muito triste, também.

Êmy Virgínia | 61:42.016

Porque ela quer estudar, o Estado não quer financiar.

Maria Caironi | 61:45.798

É muito triste.

Êmy Virgínia | 61:47.859

Ela quer estudar, quer dizer, uma pessoa que quer estudar.

Maria Caironi | 61:50.620

poxa, né, ela já tem ah,

Êmy Virgínia | 61:53.242

you vai estudar aqui, vamos pagar sua comida,

Maria Caironi | 61:55.642

seu auxílio moradia, porque não é só também querer estudar e estudar. Tem que ter uma base, uma base familiar, uma base de alimentação básica. As bases mesmo,

Êmy Virgínia | 62:10.168

Em geral, a vaga na família, exatamente se a pessoa vai chegar lá, como? Porque ela vai pagar transporte, porque ela vai pagar comida. Como é que ela vai pagar o resto da...

Maria Caironi | 62:22.878

Amiga, eu espero que as suas palavras prosperem e a gente realmente consiga chegar nesse lugar. Olha, Amy, A gente está chegando agora no final da entrevista e quero te agradecer muito pela tua presença. Cada palavra, saiba que tocou em lugares tão singulares dentro de mim, no meu coração. Quero que esse encontro presencial venha a acontecer, por favor, porque eu amei conversar com você. Eu tenho certeza que... Se a gente tivesse uma xícara de café e um bolinho, a gente passava tardes e tardes conversando.

Êmy Virgínia | 62:53.129

Eu adoro bolo. Eu adoro.

Maria Caironi | 62:57.451

Tudo, que é bom que vai. eu, a Alice, e a gente se encontra e faz esse momento acontecer. Muito obrigada, tá bom, por fazer parte desse projeto e por fazer parte da minha caminhada acadêmica, mesmo, né? Não tive essas professoras dentro de sala de aula, mas eu fui atrás delas. Muito obrigada por aceitar o convite, tá? Gente,

Êmy Virgínia | 63:18.120

Quer falar? Eu gosto muito que a sua TCC seja muito rico e que você saia desse TCC acreditando cada vez mais em você.

Maria Caironi | 63:27.665

Ai, muito obrigada. Quando for o dia da minha apresentação, vou te convidar, tá bom? Muito obrigada. Obrigada, amiga. É isso, gente. Muito obrigada pra todo mundo que tá escutando aí. E foi isso. Beijão e até a próxima.